



FCCB *Boletim* B

FOTO-CINE CLUBE BANDEIRANTE

ANO IV — N.º 42

OUTUBRO — 1949



SKETCH EM ALTA LUZ"

M. Laert Dias



Capture as côres do Arco-Íris

Obtenha fotografias em côres naturais que são a reprodução fiel das dos objetos fotografados, usando "Ansko Color".

Com "Ansko Color", seu prazer de fotografar toma novo incremento e, V. obterá lindas transparências para projetar ou, si preferir, ampliações em qualquer tamanho.

Fotografar com Ansko Color é fácil e os resultados excelentes. Peça informações detalhadas nas boas casas do ramo.



À VENDA NAS BOAS CASAS DO RAMO

FOTOPTICA

Foto · Cine · Otica

Foto · Cine · Otica

Temos para pronta entrega grande variedade de Projetores Sónoros 16mm "Ampro", "Bell & Howell", "R. C. A.", "Victor", "Revere", "Natco", "Devry".

— Consulte nossos preços e peça catálogos. —

	Cr. \$
Filmador "PAILLARD BOLEX H-16mm., com 3 objetivas, sendo tele-Ivar 2,5 fóco 7,5cm., Switar 1,1,4 fóco 2,5 cm e grande angular Ivar 2,8 fóco 1,5cm., com mala original, compléto, por	16.187,00
Filmador "KEYSTONE" 16mm., modelo A-7, com objetiva cine-Raptar 1,1,9 com 7 velocidades para filmes de 30ms	3.980,00
Filmador "KEYSTONE", 16mm., modelo A-7 com objetiva cine-Raptar 1,2,5 com 7 velocidades para filmes de 30 ms.	2.980,00
Filmador "KEYSTONE" modelo K-50 Magazin 16mm., com objetiva Cine-Raptar 1,9 fóco 2,5 cm, velocidades 8-16-24-64 com mala	6.420,00
Filmador "KODAK" 8 mm., modelo 25 com objetiva anastigmat 2,7 fóco 13cm.	1.850,00
Filmador "KODAK" Magazin 8mm. com objetiva Anastigmat 1,9 fóco 13 mm., velocidade 8-16-24-32 c/mala	4.700,00
Filmador "KEYSTONE" 8mm, modelo K-36, com objetiva Raptar 3,5 fóco velocidade 12-16-48	2.198,00
Projetor "KEYSTONE", 16 mm., modelo K-160, com objetiva Ilex, com lâmpada de 750 Watts, por	4.780,00
Projetor "KEYSTONE" 8mm., modelo R-37, com objetiva Ilex com lâmpada de 300 Watts, por	2.350,00
Projetor PAILLARD BOLÉX Modélo G-8mm., carretél de 400 pés com lâmpada de 500 Watts, por	5.430,00
Projetor PAILLARD BOLÉX modélo G-16mm., carretél de 400 pés com lâmpada de 500 Watts, por	5.430,00
Projetor PAILLARD BOLÉX modélo G-16mm., braço grande para carretél de 800 pés, com lâmpada de 500 Watts, por	7.105,00
Projetor PAILLARD BOLÉX, modélo G-8 16mm., braço grande para carretél de 800 pés, com lâmpada de 750 Watts, por	9.240,00
Ultima novidade. Aparelho miniatura 24x36, BOLSEY, modélo B-35, com objetiva Wollensak 1.3,2 fóco 4,6, obturador Wollensak 1/10-1/200, com mala de prontidão, por	2.560,00
Beacon n. 1, tamanho 3x4, com mala de prontidão, por	498,00
Beacon n. 2, tamanho 3x4, com sincronizador (para lâmpada flash) para 16 fósos, com mala de prontidão ...	696,00
BELA BÓX, tamanho 6x9 ou 4,5x6, para filmes 120 ou 620, construção inteiramente de metal, com filtro amarelo, embutido, com parasol, compléto, por	180,00
RANGER CAMERA 6x9, com objetiva Ensar, anastigmat 6,3 fóco 105mm., obt. Trikon 25, 50, 100, preço apenas	900,00

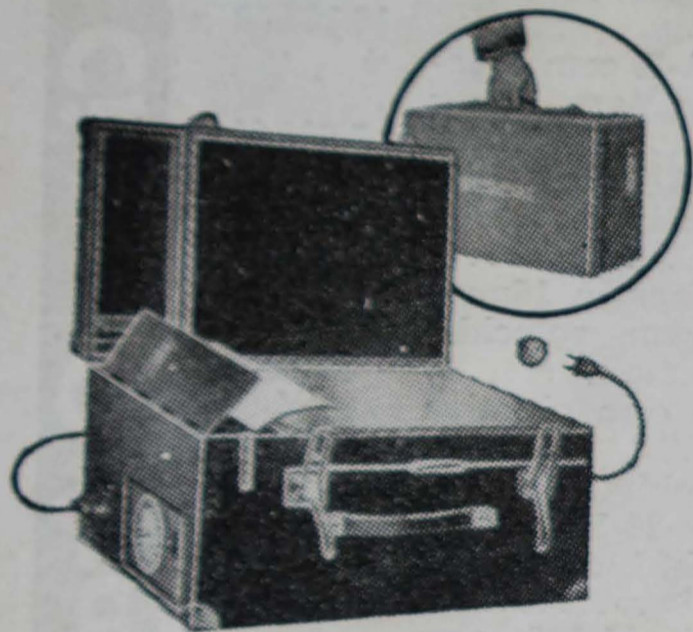
FOTOPTICA

RUA S. BENTO, 359 - TELEFONE, 2-4900 -:- RUA 7 DE ABRIL, 102 - TEL., 4-0788
 CAIXA POSTAL, 2030 - End. Telegráfico: FOTOPTICA S. PAULO — SAO PAULO
 ESCREVAM OU VISITEM-NOS — ATENDEMOS PELO REEMBOLSO.

COPIGRAF

APARELHO PARA FOTOCOPIAS

Para uso em escritórios e departamentos técnicos.



- ★ Para reprodução de documentos, livros, desenhos, etc.
- ★ Sem camera escura
- ★ Sem conhecimentos especiais
- ★ Em apenas 15 minutos

AOS INTERESSADOS

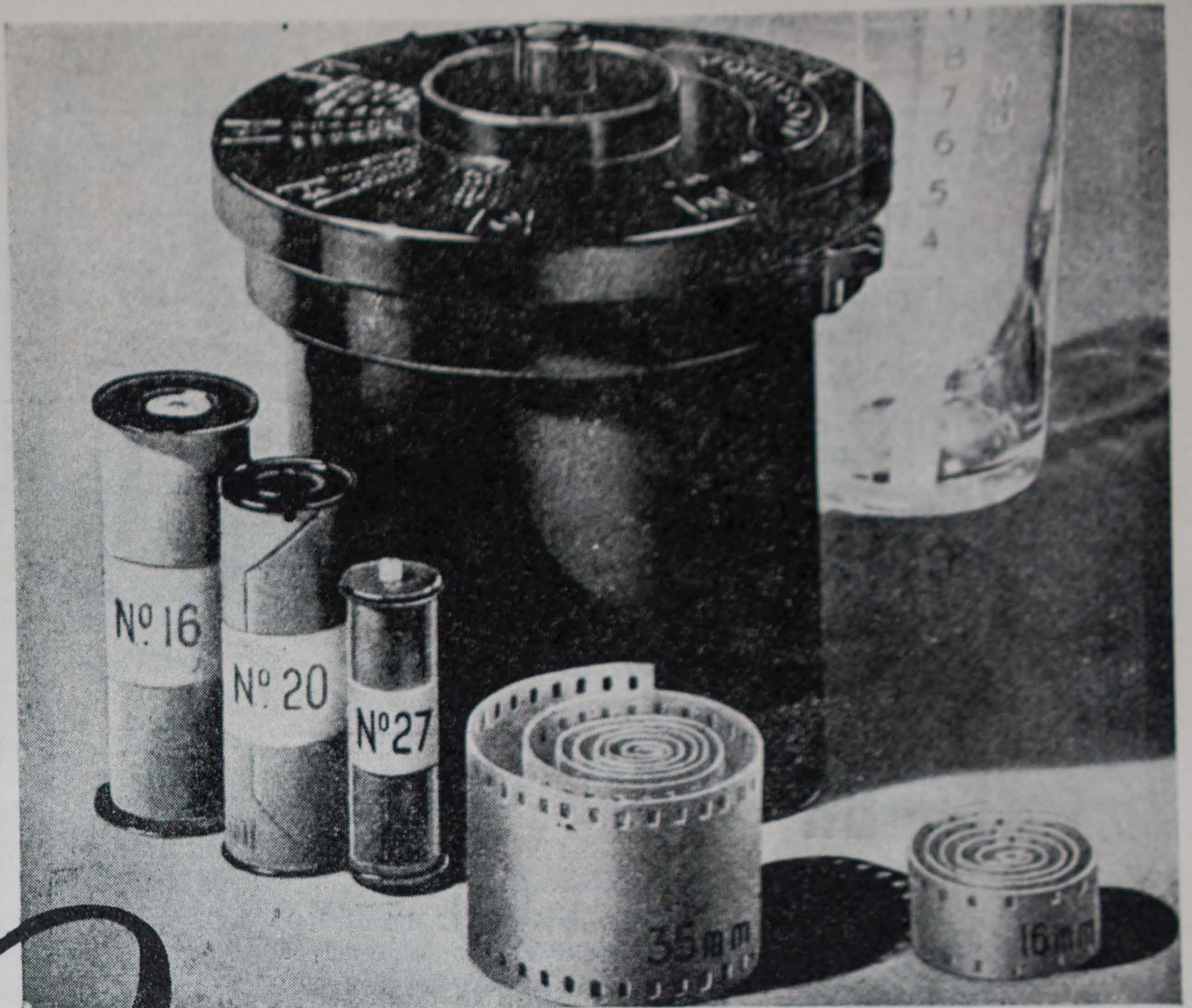
fazemos demonstração sem compromisso

INFORMAÇÕES MAIS DETALHADAS:

ARROYO & CRUZ

Rua da Quitanda, 162 - 4.º and. - Fones: 2-3618 e 3-7965

SÃO PAULO



Johnson

UNIVERSAL

IDEAL PARA AMADORES PELA SUA AJUSTABILIDADE

Serve para:

- | | |
|--|---------------------------|
| 1) Filmes 16 mm., 1.60 mts (provas) | 3) Rolfilmes n. 127 |
| 2) Filmes 35 mm., (Leica etc.) 1.60 mts. | 4) Rolfilmes n. 120 e 620 |
| | 5) Rolfilmes n. 116 e 616 |

FABRICADO DE MATÉRIA PLÁSTICA EXTRA-RESISTENTE

NAS BOAS CASAS DO RAMO

REPRESENTANTES:

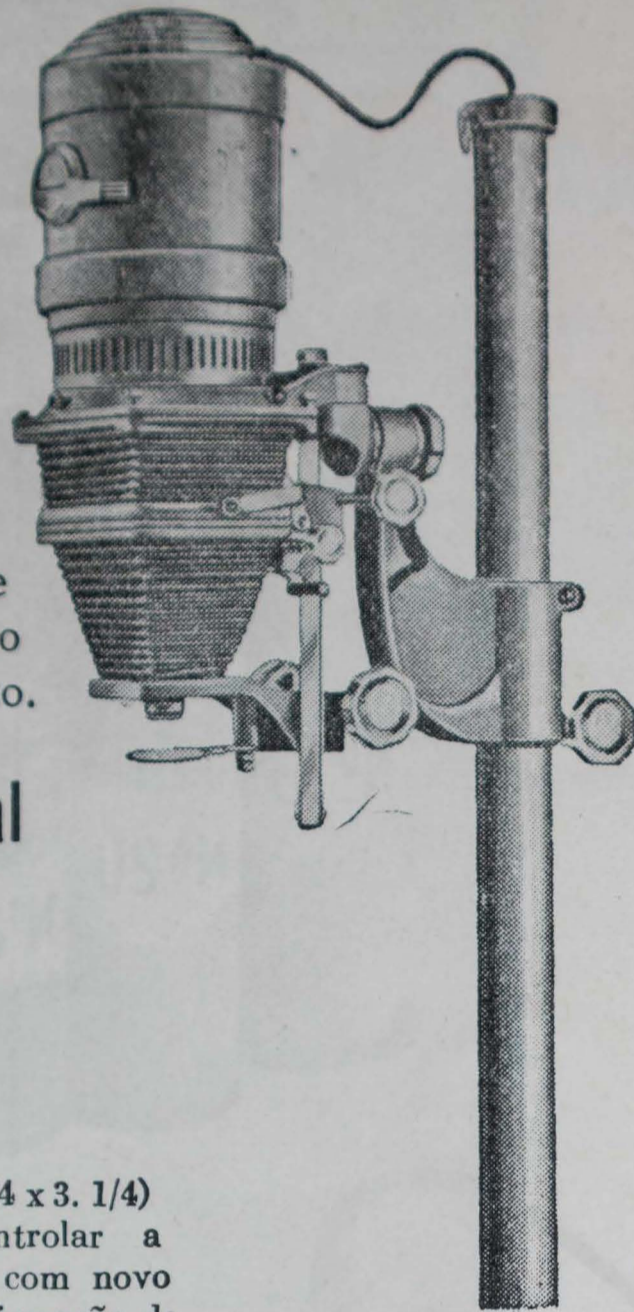
SÃO PAULO

BRASPORT

RIO DE JANEIRO

LIMITADA

Um serviço fotográfico adequado depende também do melhor material. Em todo o mundo DeJUR é conhecido sempre como a fonte, por excelência, do material fotográfico incomparável: Ampliadores, Fotômetros e material em geral de "quarto escuro", em DeJUR é perfeito.



Equipamento profissional

DeJUR - AMPLIADORES

VERSATILE I

Para negativos até 6 x 9 (2. 1/4 x 3. 1/4) possui dispositivo para controlar a distorsão. Patente exclusiva com novo sistema aêro tech - para refrigeração da lâmpada com o máximo de luminosidade.



1 - Color-Head
Para ampliações



2 - Negat-Car
Caixilho
Caixilhos - 35 mm.
4,5 x 6 - 6 x 6 - 6 x 9



3 - Copying Lights
Braços-Laterais
Para reproduções



4 - Camera Back
Para substituir uma
camera fotográfica.
Pode servir para re-
produções.



5 - Color-Filter
Para separação de
negativos.

VERSATILE II

tipo popular e melhor ampliador. Dois controles - também com aêro-tech para refrigeração da lâmpada Para negativos até 3. 1/4 x 3. 1/4 - 9 x 9.

VERSATILE

"PROFISSIONAL" (4x5)

Dos mais eficientes e completos, apropriado para negativos desde 35 mm. até 4" x 5". Especial para profissionais. Máximo de luminosidade. Completo e perfeito controle para corrigir a distorsão. Micrômetro com escala para ajustar exatamente o ângulo de projeção



Cipan

S. Paulo: Rua D. José de Barros, 238 — Fone: 6-6913

Rio: Avenida Presidente Wilson, 113-A (Edif. Brasília)

Diretor Responsável:

Dr. Eduardo Salvatore

Diretor de Redação:

Dr. Jacob Polacow

Diretor Comercial:

N. Kojranski

Redação e Administração:
Rua São Bento, 357 - 1.º and.
São Paulo — Brasil

**FOTO-CINE CLUBE
BANDEIRANTE**

•
Laboratório e Atêlier para
aprendizagem e aperfeiçoamento.

•
Sala de leitura e bibliotéca
especializada.

•
Excursões e concursos mensais
entre os sócios.

•
Participação nos salões e concursos
nacionais e estrangeiros

•
Intercambio constante com as
sociedades congeneres de todo o mundo.

•
DEPARTAMENTOS:

Fotográfico
Cinematográfico
Secção Feminina.

•

	Cr.\$
Joia de admissão	50,00
Mensalidade	20,00
Anuidade (recebida sòmente nos meses de janeiro a março de cada ano	200,00
Taxa extra mensal:	10,00

•
Os sócios do interior e outros Estados e da Secção Feminina gosam do desconto de 50%.

•
Séde Social:

Rua Avandava, 316
Fone: 2-0937
S. PAULO — BRASIL

A Nota do Mês

Si é verdade que a aproximação dos povos repousa no seu melhor conhecimento mutuo, não ha negar a inestimável contribuição que nesse particular, cabe á Arte Fotográfica.

O intercâmbio cultural e artístico entre as diferentes regiões do globo, encontrou na Fotografia uma linguagem universal de compreensão e identificação.

Usos, costumes, tendencias, aspectos sociais, grau de cultura, tudo isso é passível de uma síntese num retângulo de papel fotográfico, que transpondo os mares, levará a outros povos uma mensagem de profundo conteúdo humano. A fotografia goza do privilégio de "fazer entrar a verdade pelos olhos".

Essas e outras possibilidades da Arte Fotográfica vêm sendo devidamente apreciadas pelos nossos poderes públicos, cujo interesse vem se acentuando dia a dia, donde o seu apoio e auxílio ás associações ou clubes que se dedicam ao mistér.

Inda agóra vem o Governador do Estado do Rio de sancionar uma Lei pela qual é feita doação à Sociedade Fluminense de Fotografia, de um terreno para a construção da sua séde própria. em ótimo local de Niterói.

Com esse gésto revela o Sr. Macedo Soares a nóva mentalidade dos nossos homens de governo. Absorvido pelos magnos problemas que lhe impõe o Executivo de uma das mais destacadas unidades da Federação, não deixa por isso á margem as questões de Arte e de Cultura dos seus governados, cujas iniciativas acolhe carinhosamente, estimulando-os e dando-lhes ajuda. Tendo-se tornado credor da admiração e do respeito de toda a nação como idealizador e fundador da nossa indústria pesada, vem agora de conquistar o seu lugar de mérito como incentivador da Arte Fotográfica.

Estamos cértos que esse magnífico exemplo encontrará éco em outros rincões da nossa terra, numa reafirmação das nossas tradições de cultura artística, concientes que somos de que a grandeza de um povo não é alicerçada exclusivamente nos seus empreendimentos materiais.

O FOTO-CINE CLUBE BANDEIRANTE, receberá com prazer a visita de todo e qualquer aficionado da arte fotografica, assim como responderá pelos seus Departamentos, a qualquer consulta que lhe fôr dirigida quanto ás suas atividades ou sobre a prática de fotografia e cinematografia amadorista. Outrosim, recebe, sem compromisso, colaboração para o seu Boletim sendo que as opiniões expendidas em artigos assinados, correrão sempre por conta de seus autores.

Toda correspondencia deve ser dirigida para a séde social do FOTO-CINE CLUBE BANDEIRANTE - Rua Avandava, 316, S. Paulo, Brasil.

CONSIDERAÇÕES SOBRE A PAIZAGEM

Palestra proferida na
Séde Social em 22-9-49

VALENCIO DE BARROS — F. C. B.

(CONCLUSÃO)

Damos adiante o **croquis** (Fig. 2) de uma paisagem onde se observa a boa direção das linhas, orientadas todas para o ponto de maior interesse do quadro. Esse desenho exemplifica de forma convincente o que é a **boa coordenação das linhas e das massas**. Essa disposição realiza, sob o ponto de vista da **unidade**, o maximo de efeito.

A composição estaria seriamente comprometida se algumas dessas linhas — como, por exemplo, a estrada e o rio — se dirigissem para um dos lados do quadro, em vez de convergirem para o centro de interesse.

A **perspectiva aerea** é proveniente de particulas de matéria imponderável, de vapores e gases em suspensão no ar, que de certa forma estendem sôbre os objetos distantes um como véu ou gaze tenuíssima que envolve as formas, na proporção do seu maior ou menor afastamento. Os objetos mais distantes apresentam-se aos nossos olhos como se fossem menores do que os mais próximos e as formas são menos aparentes, menos nítidas, menos vizíveis.

Daí a impressão de distancia, de atmosfera entre os planos sucessivos. Tem o diafragma papel relevantissimo na reprodução da perspectiva aerea, pois êle pode aumentar a nitidez dos diversos planos e, conseqüentemente, diminuir a impressão de espaço.

É por isso que não se deve operar com a objetiva no "**infinito**", nem com diafragma muito fechado.

— x —

Linhas Fortes e Pontos Fortes

6 — Numa paisagem o centro de interesse deve, de preferência, localizar-se numa zona intermediária, entre o primeiro plano e o fundo. Aí deve estar o motivo principal, aquele que mais seduz como efeito.

Além disso, o primeiro plano deve assentar-se numa **linha forte** ou num **ponto forte**. Para determinar-se, de maneira prática, quais são as linhas e os pontos **fortes** do quadro, traça-se no vidro despolido da máquina (ou no visor, se fôr possível) quatro linhas — 2 verticais e 2 horizontais — respectivamente equidistantes e paralelas entre si, de sorte a dividir o despolido (e conseqüentemente o quadro) em zonas destacadas, tal como se vê no desenho ao lado (fig. 1).

Os traços indicados constituem as **linhas fortes**, e os seus cruzamentos, os pontos for-

tes. Toda zona próxima de uma dessas linhas ou ponto de cruzamento é uma zona de interesse, uma **zona forte**. Numa delas deve estar o primeiro plano. Não é necessário colocá-lo exatamente em cima da linha, mas nas suas proximidades. O essencial é que esteja num ponto ou zona **vizivelmente mais próxima** de um dos lados do que do outro.

Disso resultam duas conseqüências importantes para a composição:— a) - Satisfaz-se o sentimento de **desigualdade**, de **variedade**, tão necessário à boa disposição do assunto; b) - facilita-se a leitura ou exame do quadro.

Figure-se, por exemplo, uma paisagem cujo motivo principal seja uma árvore colocada no lado direito do quadro, junto naturalmente à margem direita. Os olhos do observador, atraídos desde logo por êsse motivo, fixam-se nele, mas **sentem**, que à direita não existe mais nada de interessante. A árvore preencheu o espaço existente nesse lado. E assim, repelidos pela margem direita, têm os olhos a **sensação** de que o espaço está do outro lado, à esquerda, que é para aquele lado que se desdobra a paisagem. E para lá se dirigem instintivamente apreciando todo o conjunto.

O quadro "**Paisagem com animais**", de Albert Cuyp, aqui reproduzido (fig. 3), concretiza perfeitamente estas explicações e facilita a compreensão do assunto. Para êste efeito, traçamos na reprodução as linhas fortes, por onde se vê que os motivos de interesse estão situados nas proximidades destas linhas. A composição do grande Mestre holandês é perfeita.

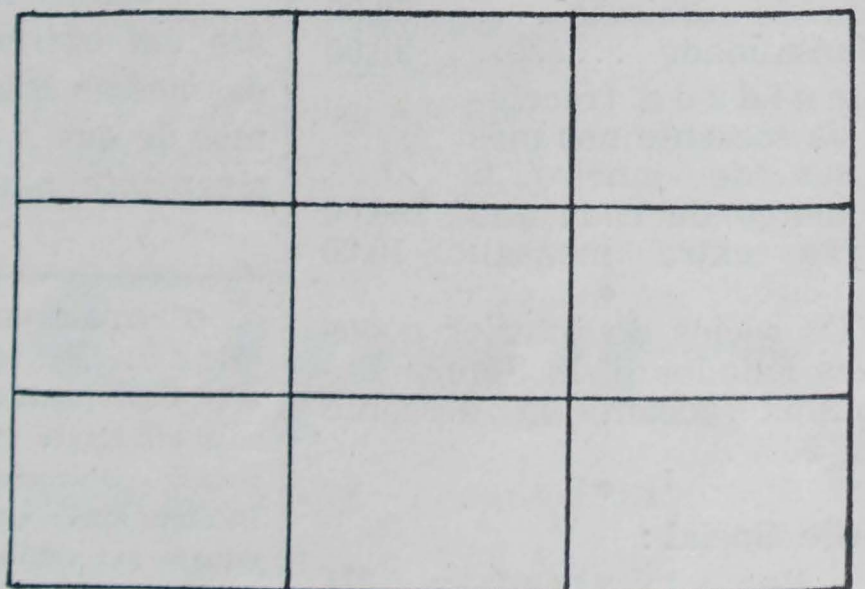


Fig. 1

Outras consequências, estas nocivas à composição: a) o centro do quadro é o ponto mais fraco de todos; o ponto fraco por excelência e nas suas proximidades não se deve colocar um motivo de interesse; b) - não se deve colocar dois motivos principais, igualmente preponderantes em linhas fortes opostas, porque o olhar do observador vacilará entre um e outro, em prejuízo da leitura e da apreciação do conjunto. Em composição é preciso haver hierarquia. E' preciso que uns motivos sobrepujem outros. Sem isso não ha **unidade**, requisito máximo da obra de arte. A arte da composição se resume em saber fixar e dirigir o olhar do observador.

Três elementos completam o motivo principal e lhe dão valor: o céu, o primeiro plano e o fundo.

O Céu

7 - O céu é o complemento indispensável de toda a paisagem. Não se pode mesmo compreender uma paisagem sem céu, isto é, uma paisagem em que o céu se traduza por uma zona inteiramente branca, sem desenho, sem modelado, sem tonalidades próprias. Antigamente, quando a fotografia ensaiava os seus primeiros passos, ainda se admitia um céu por tal forma representado, porque as placas eram imperfeitas, os processos de revelação deficientes, de modo que, realmente, era difícil, senão impossível, reproduzir uma paisagem em que o terreno (sobretudo os vegetais) e o céu se traduzissem por seus justos valores. Hoje em dia, porém, com as placas ortocromáticas e anti-halo, com os filtros de luz, com o progresso do aparelhamento químico, o problema foi resolvido de maneira inteiramente satisfatório.

O fotógrafo precisa ter a paciência necessária para fazer a fotografia num momento em que haja núvens, que assim, seu quadro agrada muito mais. O ideal seria darem-se às paisagens os céus verdadeiros, isto é, aqueles que de fato existissem no momento da execução.

Mas isso nem sempre é possível; ou porque no momento não haja nuvens; ou porque estas, em seu desenho geral não estejam em concordância com as linhas principais da paisagem.

Pode-se, nesses casos, tirar a fotografia sem preocupar-se com o céu, anotando-se a hora, a direção da luz, etc., para em ou-



FIGURA 2

As linhas conduzem os olhos para o ponto de interesse e auxiliam o efeito de perspectiva.

tra ocasião tomar-se, do mesmo ponto, uma fotografia do céu, uma vez que esteja em harmonia com o assunto.

E depois, na ampliação, aproveita-se o negativo do céu para o resultado final; uma paisagem com céu em harmonia com o assunto.

O processo é conhecido de todos os amadores, dispensando esclarecimentos. Ha, todavia, necessidade de tomar algumas precauções: a) - a iluminação do negativo do céu deve ter a **mesma direção** que a do negativo da paisagem; b) - a tonalidade do céu deve acompanhar a da paisagem, e a ligação de um e outro deve ser perfeita, sem quebra da tonalidade, nem superposição de imagens, o que seria desconcertante.

Convém não se perder de vista que, em regra geral, o céu deve ser discreto, porque a sua função na paisagem é complementar, com a do primeiro plano e do fundo, e por isso não deve atrair a atenção de maneira exagerada.

O revelador é o principal fator de um céu bem modelado. E' preciso que o negativo conserve todas as suas transparencias, mesmo nos pontos mais iluminados, porque as partes que ficarem demasiadamente opacas não se imprimem convenientemente nos positivos.

O Primeiro Plano

8 - Embora de notável importância no conjunto, o primeiro plano deve desempenhar um papel mais ou menos apagado, pois que o lugar de destaque fica reservado ao motivo principal. Um primeiro plano muito vistoso de certa forma compromete a leitura geral do quadro, pois atrairá só para

si a atenção do observador, em prejuízo do conjunto. Será também o mais simples possível, como acessório que é; qualquer coisa serve para o primeiro plano, desde que esteja bem assentada: um jogo de luz, uma pequena água, um tronco de árvore, uma canôa, um instrumento agrário, um animal. O essencial é que esteja em harmonia com o conjunto. Isto é de capital importância porque ele é a base do edifício que é o quadro. O artista deve tomar o maior cuidado no escolher e assentar o seu primeiro plano, que necessita de ser sólido, isto é, nítido, vigoroso e posto de acôrdo com o assunto geral, no qual deverá encontrar correspondências e afinidades. Aqui o fotógrafo pode demonstrar cabalmente a sua proficiência, pois está nas suas mãos variar à vontade os motivos do seu primeiro plano, para escolher aquele que melhor corresponda às necessidades da composição.

O primeiro plano ha de corresponder com o conjunto não somente na expressão do sentimento geral, como também nas suas proporções.

Assim, por exemplo, numa paisagem animada por figuras ou cenas rurais, estas não devem apresentar proporções muito avantajadas. Comparadas com o conjunto,

devem ser modestas em tamanho, sem muita ostentação. Não devem perder o seu caráter de acessório, de complemento. Do contrário a paisagem perderá o seu sentido, a sua expressão, para transformar-se numa **cena de gênero**.

....O mesmo quadro de Albert Cuyp, aqui reproduzido, explica melhor a tese do que o podem fazer as palavras: E' uma paisagem com um motivo de figuras e animais em primeiro plano. Como se vê, trata-se indiscutivelmente de "uma **paisagem**", pois a maior parte do quadro reproduz efetivamente uma paisagem. As figuras em nada prejudicam o conjunto, antes o animam e lhe dão maior valor.

Conside-se agora o efeito do conjunto se o artista desse às figuras proporções tais que viessem a ocupar a maior parte do quadro (fig. 4). Este, evidentemente, deixaria de ser uma **paisagem**, para se transformar numa **cena de gênero**. A paisagem propriamente, de assunto principal que era, passaria a ser acessório, a constituir o fundo do quadro.

O Fundo

9 - O fundo, na paisagem, corresponde aos longes, aos planos que, mais ou menos apagados pela distancia, trazem com o seu

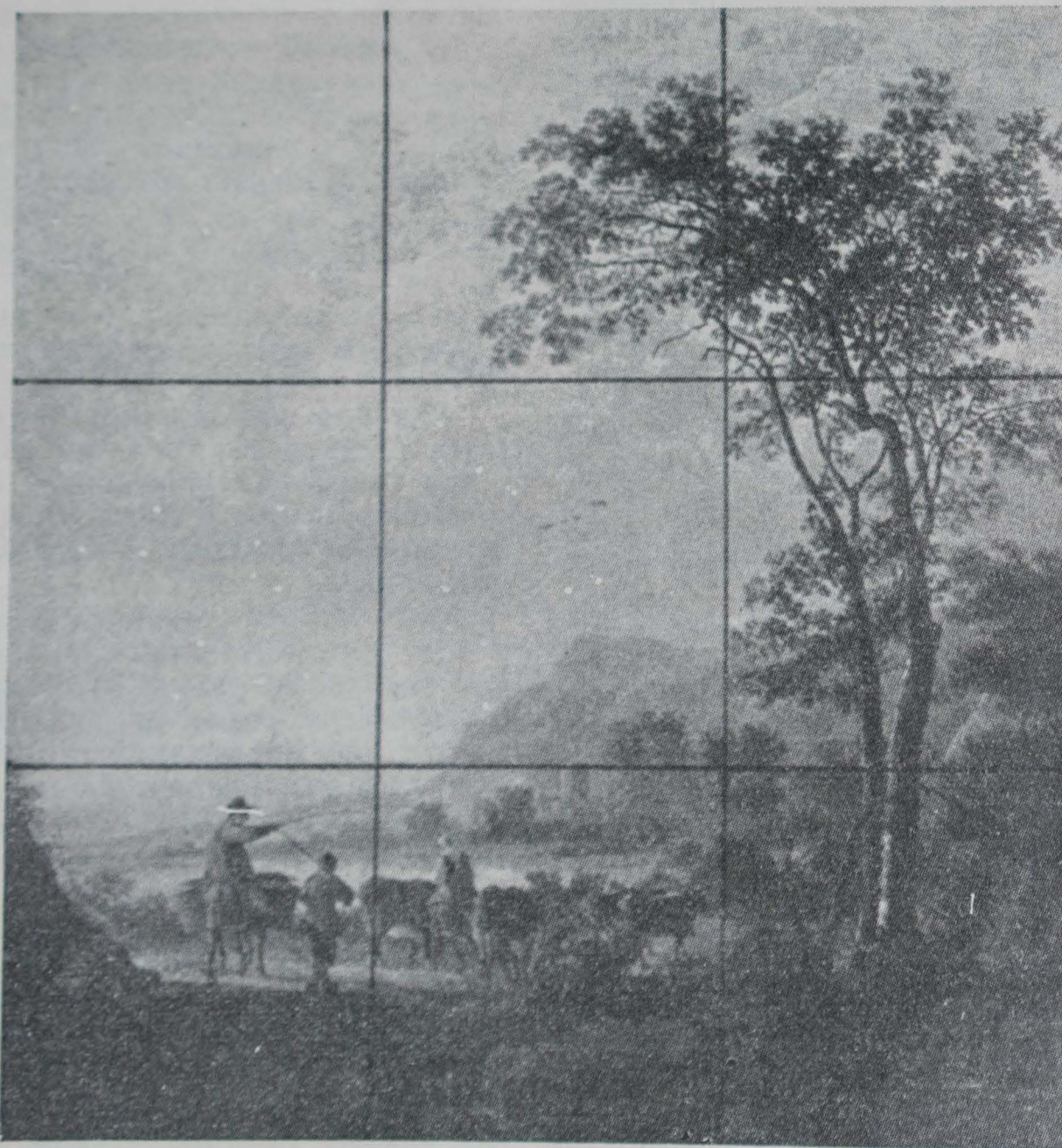


FIGURA 3

Os motivos de interesse devem ser situados nas proximidades das linhas fortes.

desenho e a sua tonalidade, o indispensável complemento à harmonia do quadro. A sua função é tão importante como a do céu.

E' o fundo que dá atmosfera à fotografia. E' nos longes esbatidos e delicados, vaporosos e transparentes, em oposição aos primeiros planos firmes e bem desenhados, que reside o grande segredo da perspectiva aérea, a ilusão do relevo, da profundidade e do espaço. Mas deve ser discreto, sem exageros nem ostentação. Muito nítido, tira a profundidade, elimina a perspectiva aérea; muito acentuado, ou vistoso demais, enfraquece o conjunto, diminui o valor do assunto principal.

O diafragma desempenha relevante papel na questão dos fundos. Muito fechado acentua em excesso as linhas e o desenho geral; reproduz os detalhes exageradamente nítidos; aproxima demasiadamente, uns dos outros, os diversos planos; suprime do quadro o ar, a sensação do espaço. Por isso deve ser empregado com muita discrição.

Com bastante propriedade pode-se aplicar ao diafragma a conhecida regra:— Usar e não abusar.

Tais são, em síntese, os princípios gerais que o fotógrafo deve ter em vista ao abrir o obturador de sua máquina para fazer uma fotografia artística. Não é um simples "aperte o botão". Pelo contrário: é uma operação que importa trabalho intelectual, conhecimento das regras gerais da estética, em suma, uma operação em que a inteligência é posta ao serviço do gosto pessoal do artista para a criação da obra de arte.

Proteção da Paisagem

10 - O homem moderno vive tumultuosamente. Dobrado ao peso de responsabilidades enormes, vive ameaçado e perseguido por mil preocupações e perigos que o assediam, dia e noite, nos grandes centros urbanos. Extenuado pelas fadigas, físicas e espirituais, pela sobrecarga de trabalhos exaustivos, quasi sempre em ambientes insalubres, vai perdendo lentamente as energias e a coragem.

Ele tem necessidade de retemperar-se na solidão, no êrmo, na calma, no silêncio. Daí a sua fuga para as praias, para os campos,



FIGURA 4

Numa paisagem animada por figuras estas não devem apresentar proporções muito avantajadas. De contrário a paisagem perderá o seu sentido, a sua expressão, para transformar-se numa cena de género.

para as montanhas, para os bosques. Sai em busca da côr e do ar, da liberdade e da beleza, da alegria de viver que lhe penetra na alma angustiada como um refrigério divino.

Daí decorre também o grande incremento que tomou a paisagem, nos dias de hoje, como fonte de inspiração dos artistas. E' o gênero de pintura mais cultivado em todos os países.

Compreenderam todos que a terra é fonte perene de poesia, que dilata o coração do homem; é fôrça regeneradora da arte e nela repousa todo o futuro da pintura moderna.

Em face da Natureza, a alma humana experimenta uma comoção profunda, quase religiosa. Já não basta observá-la. E' preciso senti-la. A paisagem tornou-se um estado de alma. E por isso mesmo, os temas favoritos são os momentos fugitivos, as horas crepusculares, mais ricas de expressão, o céu, sempre fugaz, em perpétua renovação, os efeitos de luz, tudo, enfim, que é transitório, efêmero, subtil.

Tais temas são de inteiro domínio dos fotógrafos artistas. Têm eles ao seu serviço o mais poderoso, maleável e agil aparelho registrador dos momentos felizes que a Natureza nos oferece:— a prodigiosa máquina fotográfica. Mas é preciso que atrás dela esteja um olhar seguro, um cérebro culto e uma alma vibrátil e sensível.

Nós precisamos proteger nossas paisagens. Na Europa, depois que John Ruskin deu o brado de alarme contra a destruição dos sitios pitorescos pelo industrialismo moderno, de toda parte surgiram instituições

civis propugnando pela defesa dos panoramas. A idéia ganhou força para, afinal, converter-se em leis protetoras.

A França, pela lei de 21 de abril de 1906, revigorada pela de 2 de maio de 1930; a Itália, pela de 11 de junho de 1922; a Alemanha, a Bélgica, o Luxemburgo e outras nações já possuem sua legislação protetora das paisagens e dos sítios pitorescos.

Não sei si entre nós já se cogitou de coisa semelhante, mas penso que não. O decreto-lei n. 25, de 30 de novembro de 1937, de proteção do patrimônio histórico e artístico nacional, só compreende o conjunto dos bens móveis e imóveis relativos à história, arqueologia e etnografia do Brasil. Não se refere às paisagens ou sítios pitorescos.

Mas a verdade é que as nossas belezas naturais vão sendo destruídas e ninguém cuida de preservá-las. Em São Paulo já não existem mais as grandes florestas. Os nossos rios já não cantam, como outrora, na galharia verde dos barrancos as estranhas

melodias da mata virgem. Choram lágrimas barrentas de desespero e de saudade.

Só nos restam as cachoeiras, despidas quase todas da primitiva magestade. Seriam belezas mortas se não lançassem ao céu, como um protesto, o sonoro clamor das águas enfurecidas e a poeira irizada das espumas! Marimbondo! Patos! Itapura! Iguassú!... Até quando poderemos admirar a sua brava beleza? Até quando estarão livres das amarras de aço das usinas, que serão talvez, a sua última agonia?...

Nós precisamos defender as nossas paisagens. Desejamos todos que o Brasil venha a conquistar, como merece, um posto de relêvo entre os grandes centros turísticos do mundo. Que haveremos de oferecer, entretanto, aos nossos visitantes, se não cuidarmos de preservar as nossas belezas naturais?

Aí está um magnífico tema a ser trabalhado pelo Foto Clube Bandeirante. Será, estamos certos, mais uma vitória que esta benemérita sociedade ha de acrescentar aos seus já numerosos triunfos.



II Salão de Arte Fotográfica de Casa Branca

Conforme era lícito prever, o certame artístico promovido pelo Centro Cultural Casabranquense obteve amplo sucesso, confirmando, desse modo, a tradição de cultura em que se vê aureolada essa localidade. A mostra, que, conforme adiantamos no último Boletim, reuniu 138 trabalhos, atraiu grande número de visitantes, despertando grande interesse. Viram assim, os organizadores da mostra, entre os quais destacamos nosso presado consócio Dr. Mario Hoepner Dutra, premiados os seus esforços em desenvolver no nosso "hinterland" a prática do arte fotográfica. Não temos dúvida em afirmar que a iniciativa do Centro Cultural Casabranquense, muito breve, apresentará excelentes frutos, reunindo em torno de si mais um numeroso e entusiasmado grupo de aficionados dedicados á arte de Daguerre.

Para o êxito do II Salão de Arte Fotográfica de Casa Branca contribuiu sobremodo a representação do F. C. Bandeirante, como se vê do resultado da premiação que, conforme carta recebida da entidade promotora do certame, foi o seguinte:

Medalha de ouro: Eduardo Salvatore (Fc. C. B.) — "Tormenta próxima"

Medalhas de prata: Belini de Andrade (F. C. Br.) — "Nostalgia"; Francisco A. Albuquerque (Fc. C. B.) — "Revisão Noturna"; Labe (Centro A. Americano) — "Nebulosa".

Medalhas de bronze: Fernando Palmério (Fc. C. B.)

— "Hospitalidade"; Plínio S. Mendes (Fc. C. B.) — "Repouso".

Menções Honrosas: Euclides M. de Oliveira (Fc. C. B.) — "Sandra"; Masatoki Otsuka (Fc. C. B.) — "Limpeza"; Jacob Polacow (Fc. C. B.) — "Paizagem Brasileira"; Adolfo Teixeira de Menezes (C. Branca) — "Paizagem Argentina".

Ao Centro Cultural Casabranquense e aos participantes que tiveram seus trabalhos premiados, o "Boletim" deixa aqui consignadas as suas congratulações.



SOC. FLUMINENSE DE FOTOGRAFIA

Transcorre a 15 de outubro corrente o sexto aniversário de fundação da entidade que reúne os artistas-fotógrafos fluminenses. Ligados que estamos á mesma por sólidos laços de amizade e cooperação, a efeméride é motivo de satisfação também para os "bandeirantes". Não poderia, pois, o "Boletim" deixar de registra-la, reiterando as felicitações e votos de contínuo êxito que a Diretoria do Clube, interpretando o pensamento de nossos associados, enviou aos distintos colégas de Niterói.

O Bromoleo, os Bromoleistas e seus inimigos

Especial para o "BOLETIM"

HUMBERTO F. ZAPPA

E' possível que tudo o que se tenha escrito em publicações, revistas e tratados, sobre as virtudes do bromóleo, não tenha servido para convencer aos muitos aficionados da Arte Fotográfica, que não admitem o processo dentro do campo da fotografia. Não pensamos, por certo, convence-los, sabendo que quem sente aversão por alguma coisa, dificilmente poderá ser convertido com argumentações e mesmo com fatos. Queremos, no entanto, insistir na defesa de um processo fotográfico, que longe de conspirar contra nossa arte, a dignifica.

Para nós que o praticamos e para os que o criticam, bastaria o exemplo de mestres como Missone, Schein, Hawkins e outros, para compreender as enormes possibilidades interpretativas do bromóleo. Os que o admiram e praticam, encontrariam nas obras dos grandes mestres, o caminho a seguir para alcançar em suas obras o verdadeiro valor que dá mérito ao processo. Os adversários teriam nas obras desses autores, a confirmação de uma supremacia da arte fotográfica e não, — como geralmente argumentam — uma intenção de disfarçar ou desvirtuar a verdadeira fotografia.

Não é possível acreditar que o bromoleista é um inimigo da fotografia pura; ao contrário, antes de bromoleista ele deve ser um bom fotógrafo. Mas chegamos aqui num ponto que deve ser esclarecido. Nem todo bom fotógrafo pode ser um bom bromoleista. No erro de acreditar no contrário cae uma grande maioria, que é justamente a que, ao fracassar no intento, se converte em detractora do processo que não pode dominar.

Muitos são os bons fotógrafos que se iniciaram no processo com sincero entusiasmo e o abandonaram desiludidos, alegando que o mesmo está cheio de dificuldades e imperfeições.

Esqueceram, sem dúvida, duas coisas importantes: que não é possível chegar a ser bromoleista sem uma grande e tenaz aprendizagem e que, mesmo dominando o processo, é necessário **saber o que pretende**, ao transformar um brometo num bromóleo. Não basta — temos repetido muitas vezes — transformar o brometo em bromóleo, para dar a obra um carater artístico. E' necessário um detido estudo dos elementos que existem na fotografia e o maior rendimento que se lhes pode dar por meio dos recursos que o processo oferece, para que o resultado seja em todo o sentido, superior á própria fotografia.

Levar ao bromóleo os mesmos valores que se podem obter na cópia comum ao bro-

meto ou clorobrometo, não justificaria passar por um processo trabalhoso, cujo mérito principal consiste precisamente na intervenção pessoal do autor.

Esta intervenção é ilimitada, mas corresponde unicamente a quem conhece a fundo o processo em todas as suas fases, e isto, de acordo também com a sua capacidade e cultura artística.

Não fica pois dúvida alguma em relação á extraordinária qualidade do processo, e em seu favor poderíamos citar novamente a qualidade artística alcançada pelos mestres citados.

Todas as restrições que se poderiam fazer quanto aos resultados obtidos no bromóleo, devem recair sobre os bromoleistas e nunca sobre o processo.

No que se refere ás acusações dos puristas — que retocam e se valem de todas as artimanhas para melhorar os seus brometos — poderíamos argumentar — e nisto também os favorecemos — que em arte não interessam os processos de que se vale o autor para produzir sua obra. Não ha razão nenhuma para circunscrever a arte fotográfica á objetiva, filme e papel brometo, quando para todas as artes e especialmente a pintura, permite-se uma extensa variedade de processos e materiais.

Não se julga uma obra, em pintura, si ela está executada ao carvão, lápis, pastel, tempera, aquarela, óleo e etc. pelo mérito do material empregado, e sim pelo seu valor artístico e sua técnica.

Não pomos em dúvida, nem por um momento, que se pode alcançar o mais alto nível artístico por meio da fotografia pura, mas não acreditamos que seja um atentado á arte fotográfica o valer-se de processos de interpretação, quando se os emprega conscientemente e quando representam um trabalho de mérito, que contribue para alicerçar a personalidade de um autor.

Si assim compreendessem os jurados de alguns salões, que hoje recusam de plano o bromóleo porque "não o sentem", o entusiasmo de muitos aficionados se voltaria novamente para a produção de bromóleos, transportes, gomas, carvão, papel Fresson, e etc., com um resultado que permitiria admirar nos salões, belas expressões de arte fotográfica, que longe de "destoar" ou "desmerecer" o efeito do conjunto, contribuiriam para lhe dar uma atrativa e variada qualidade artística.

VIII Salão Internacional de Arte Fotográfica de São Paulo

439 autores — 1.386 trabalhos inscritos
30 países.

Conforme foi anunciado oportunamente, encerrou-se a 30 de setembro p.p. prazo para inscrições e entrega de trabalhos para o VIII Salão Internacional de Arte Fotográfica de S. Paulo.

Nesse dia, o Foto-cine Clube Bandeirante, entidade promotora do importante certame, assinalou em seu acervo de realizações mais um extraordinário sucesso que reflete bem o alto renome e prestígio de que goza a agremiação representativa dos foto-amadores paulistas e o seu certame anual, junto aos meios artísticos-fotográficos de todo o mundo.

Com efeito, registrou a Secretaria do Clube a elevada cifra de 439 concorrentes inscritos, com 1.386 trabalhos, ou seja, a maior concorrência já registrada em salões sul-americanos de fotografia artística em branco e preto, e assim distribuídos:

Concorrentes do exterior:	262	com	843	trabalhos
" " país	177	com	543	"
	—		—	
	439		1.386	

Esse resultado é sobremodo expressivo, principalmente no que diz respeito à participação nacional pois, como se sabe, para os concorrentes do país, o número de trabalhos permitidos que era de 6 foi reduzido para 4, em igualdade de condições com os do exterior, e ainda assim os números registrados foram superiores ao do ano passado, quando anotamos um total de 139 concorrentes do país, com 520 trabalhos inscritos. O que vem provar — somado ainda à circunstância da tremenda crise de material que estamos sofrendo desde há três meses — o quanto está aumentando entre nós, o número de praticantes da arte fotográfica.

x

Nada menos que 30 países estão representados no VIII Salão: Africa do Sul, Alemanha, Argentina, Austria, Austrália, Belgica, Brasil, Canadá, Checoslovaquia, Chile, China, Costa Rica, Cuba, Dinamarca, Estados Unidos da América do Norte, Filipinas, Finlândia, França, Holanda, Hungria, India, Inglaterra, Italia, Japão, Luxemburgo, Portugal, Suécia, Suíça e Uruguay.

30 países, dos 5 continentes, representados por suas mais importantes entidades fotográficas e por seus mais destacados artistas-fotógrafos. Teremos, portanto, mais uma vez, na Galeria Prestes Maia, com o VIII Salão Internacional de Arte Fotográfica de S. Paulo, uma ampla visão do elevado padrão artístico a que atingiu a foto-

grafia como arte, mercê da dedicação e cultura de seus praticantes.

x

Dentre esse elevado número de países, cumpre destacar a presença, pela primeira vez em nosso certame máximo, de artistas-fotógrafos da Africa do Sul, Alemanha, Costa Rica, Filipinas, China e Japão, com os quais tomaremos, assim, contacto direto, pois até agora só conhecíamos trabalhos dessa procedência através de revistas fotográficas catálogos de outros salões, os quais aliás, nos permitiam aquilatar do grande adiantamento da arte fotográfica naqueles países. Daí reinar entre nossos aficionados, desusado interesse em torno das respectivas representações, ansiosos que estão todos em verificar de perto os trabalhos daqueles autores.

x

Um pouquinho mais de paciência, e teremos satisfeito nossa natural curiosidade.

O júri do Salão que, como já foi noticiado, está composto pelos renomados aficionados Angelo F. Nuti, Eduardo Salvatore, Francisco A. Albuquerque, Jacob Polacow e José V. E. Yalenti, no momento em que redigimos esta nota, já deu início à ardua tarefa de selecionar, dentre os 1.386 trabalhos inscritos, os mais expressivos para figurarem no VIII Salão.

— x —

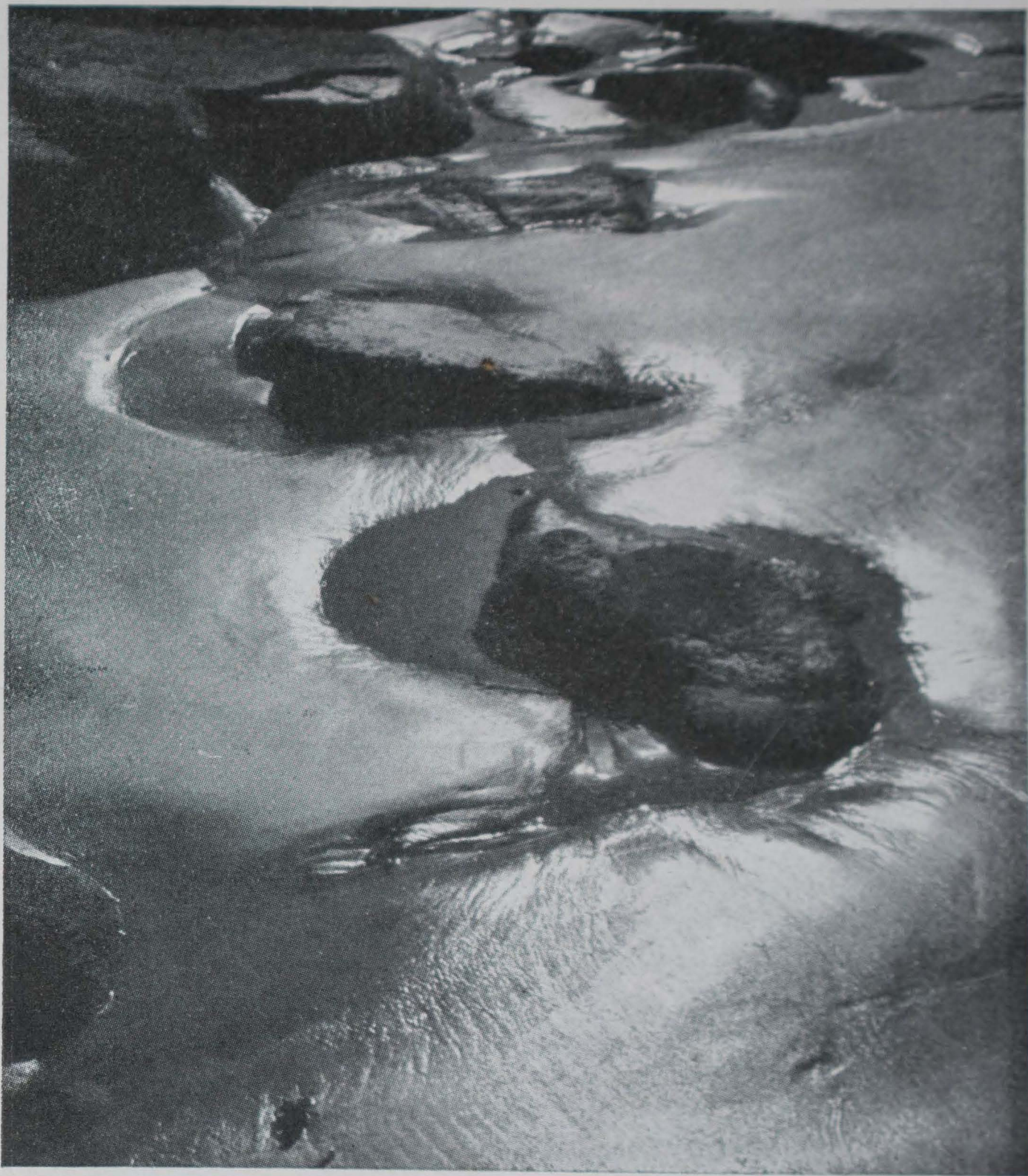
Não resta, pois, a menor dúvida, que o VIII Salão Internacional de Arte Fotográfica de S. Paulo marcará mais outro extraordinário sucesso, atraindo aos amplos salões da Galeria Prestes Maia milhares de visitantes e confirmando assim, a fama de ser o certame artístico da paulicéia mais apreciado pelo público amante das belas artes.

AS FOTOGRAFIAS DO MÊS

Sob a epígrafe acima, o Boletim reproduzirá todos os meses, algumas das fotografias que melhor classificação obtiverem nos concursos internos do Clube, nas várias categorias em que se dividem os concorrentes.

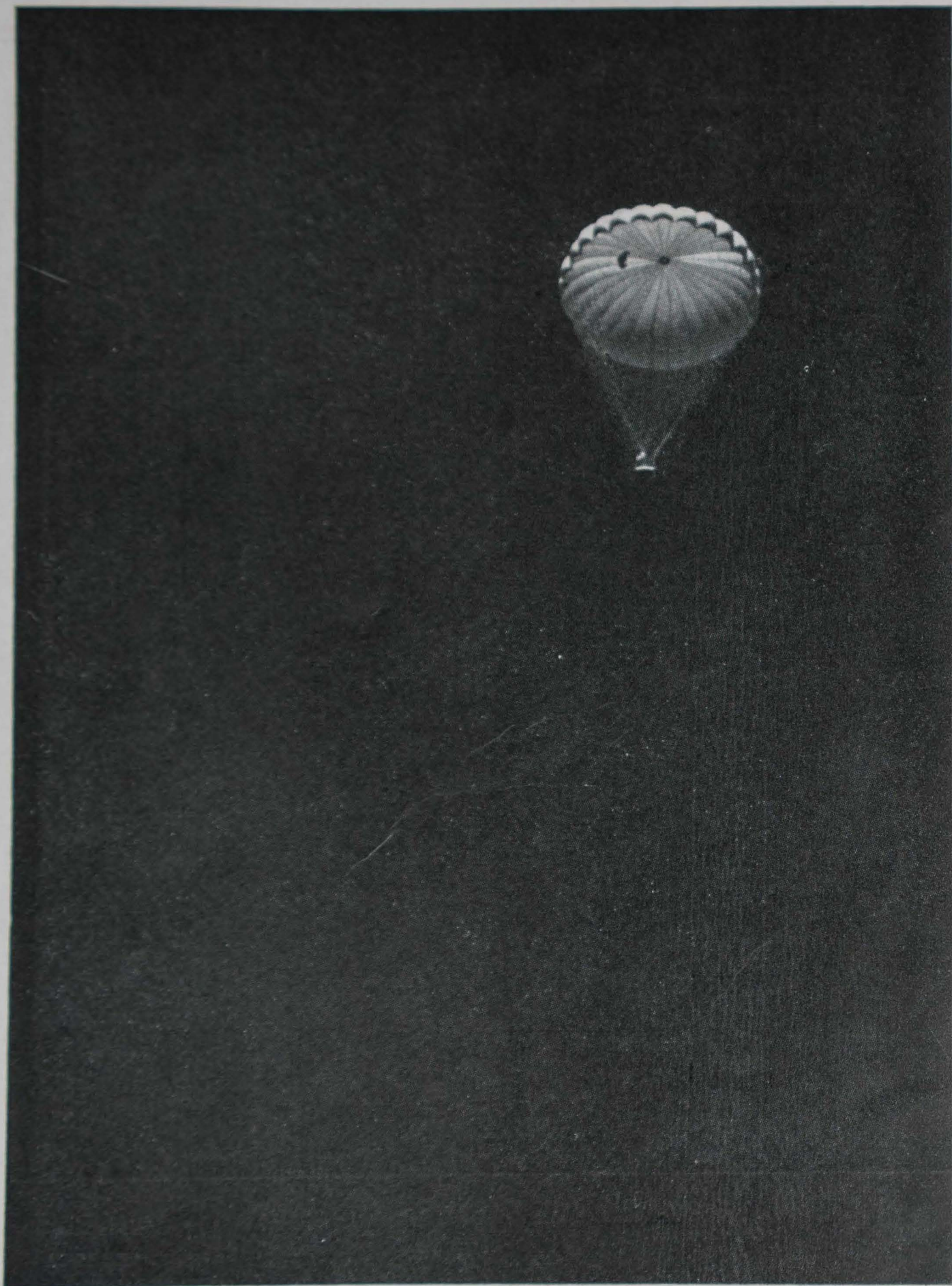
Ilustram este número, trabalhos apresentados no concurso relativo ao mês de setembro p.p..

As Fotografias do Mês



"PRAIA"

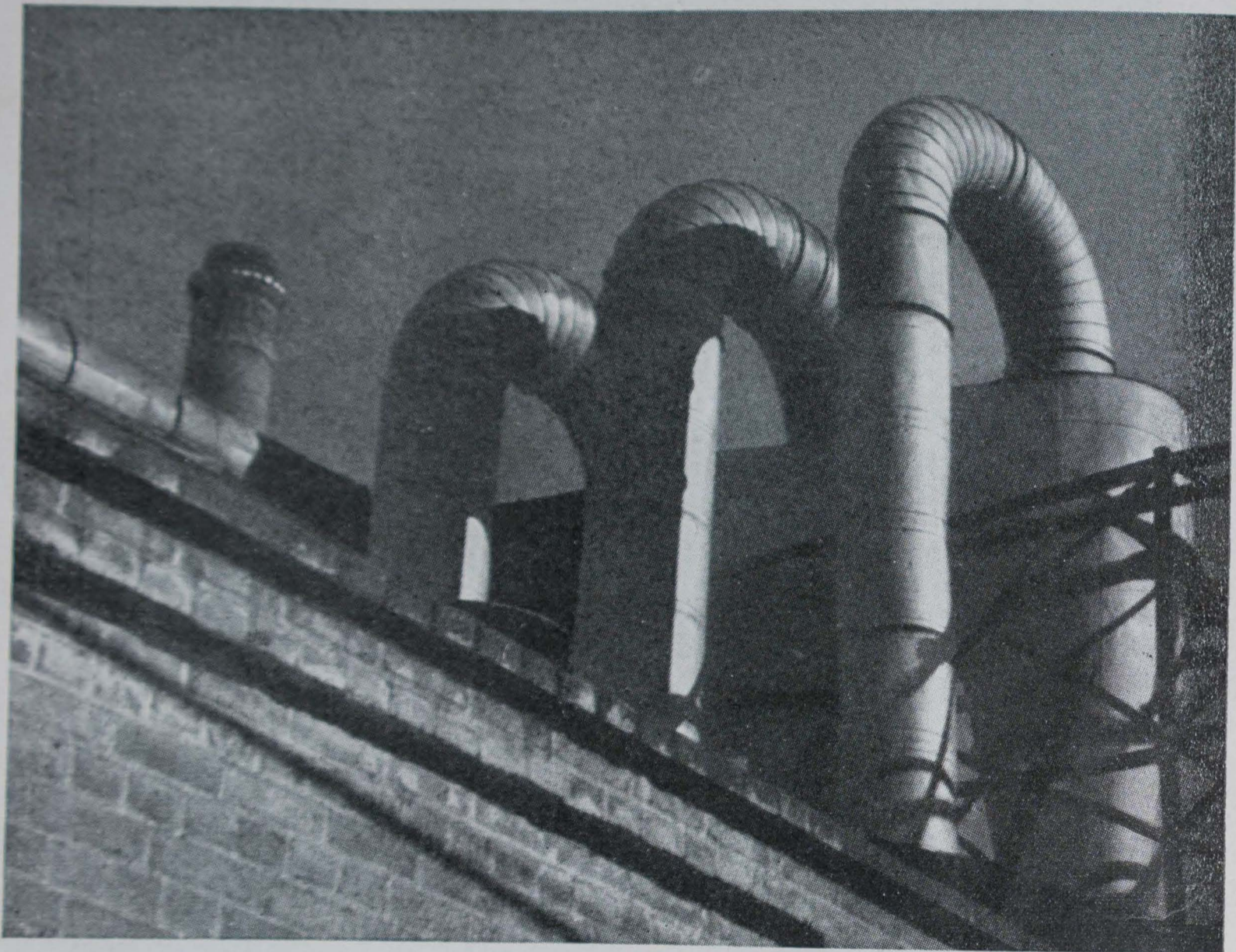
Paulo S. Takayama



"UM PULO NO ESPAÇO"
Astério Rocha



"MATERNIDADE"
Jaime R. Serva



"NADA SE CRIA, NADA SE PERDE..."
Sra. Menha Polacow

3.º SEMINÁRIO DE ARTE FOTOGRÁFICA

Com uma assistência que tomou literalmente o Salão principal do Foto-cine Clube Bandeirante, realizou-se a 13 de outubro, o 3.º Seminário de Arte Fotográfica.

Cinco trabalhos constituíram o material para debates dos quais participaram grande número de interessados. Curioso notar que neste 3.º Seminário os trabalhos apresenta-

ram eficiência invejável em meio a um entusiasmo que a todos fez perder a noção do tempo

Damos, a seguir, uma sumula dos trabalhos, afim de que os nossos leitores possam acompanhar essas atividades, visando auxiliar especialmente aqueles que residindo fóra da Capital, se veem impossibilitados de comparecer pessoalmente aos debates.

ORIENTADOR : Eduardo Salvatore

ANOTAÇÕES : Antonio da Silva Victor

1.º TRABALHO — "UM PULO NO ESPAÇO"

Autor: ASTERIO ROCHA

Técnica: App. Super-Ikonta 6x6, Tessar 2,8 — Filme Plus X-F 8-1/100 — Filtro verde-amarelo. Revelação de DK 20 — Ampliação em Kodabromide 2.

AUTOR — A fotografia foi obtida em uma festa aviatória em Birigui. O céu se apresentava envolto em leve bruma seca, sem nuvens. Como não dispunha, na ocasião, de filtro vermelho, usou o verde-amarelo. Trabalhou a ampliação, protegendo-a convenientemente, para obter o contraste tonal entre a figura do paraquedista, branca, e o fundo totalmente escurecido, preto.

ORIENTADOR — Segundo lhe parecia, a apresentação do trabalho com o fundo assim enegrecido, demonstrava por parte do autor uma intenção mais profunda do que simplesmente mostrar um salto em paraquedas.

AUTOR — Com efeito, procurou forçar o efeito, concentrando toda a atenção no paraquedista e com o escurecimento total do céu quiz também representar a incognita que sempre é um salto de paraquedas.

Fr. ALBUQUERQUE — Observa que a ideia de espaço, amplitude, altura, não estava bem representada. Com o escurecimento intenso e por igual, não se tinha a impressão de espaço, faltando a perspectiva aérea que julga de grande importância em trabalhos dessa natureza. Esse efeito poderia ser obtido com uma gradação de tons, quando da execução da ampliação, com proteções de tempo diferente, intensificando-se gradualmente a tonalidade escura a partir da base, até a margem superior da fotografia. Poderia ainda sugerir o emprego de dois negativos: um do próprio assunto e outro de céu, em que houvesse bem na parte inferior a linha do horizonte, geralmente em "degradê". A conjugação dos dois negativos — recurso perfeitamente possível, permitiria obter o efeito de ampliação do céu que não se sente no trabalho em apreço.

A. SOUZA LIMA — Contesta. Não via necessidade do trabalho representar a abobada celeste. Trata-se de uma fotografia quasi dramática, reproduzindo um momento de grande emoção onde a figura do paraquedista surge como nós realmente a sentimos, vagando no espaço, enfretando um abismo. A interpretação do autor, parecia-lhe a mais acertada. Si a fotografia reproduzisse o céu comum, seria um banal salto de paraquedas, sem maior significado, méra fotografia documentária.

CYRO CARDOSO — Sugere que talvez com o emprego de tempo de pose maior, se teria obtido maior sensação de movimento, de queda, aumentando a dramaticidade.

LARTE DIAS — A opinião não lhe parecia muito justa, porquanto o trabalho não visa representar a sensação da queda. Contrariamente, o próprio termo — paraquedas — já por si expressa a ideia de lentidão, de repouso, de segurança. Estava com Souza Lima na interpretação do trabalho.

VARIOS — Cruzam-se opiniões, uns apoiando a tese de Albuquerque, outros a do autor.

ORIENTADOR — Condensa as varias observações, ressaltando dois pontos de vista em face da arte foto-



"SAMAMBAIAS"

Guilherme Malfatti

gráfica em geral. Um, mais objetivo, encarando a fotografia como expressão da realidade, da verdade; outro, mais subjetivo, mais figurado, não importando que os efeitos sejam forçados, que a realidade seja mesmo falseada, desde que com isso o autor quis expressar uma ideia, uma emoção, um sentimento, etc.. Isto exige maior capacidade de realização e depende muito do próprio modo de sentir de cada observador o compreender e se identificar com o autor nestes últimos casos. Concluindo, friza ter a fotografia em apreço altas qualidades e a evidência disso se comprovava pelo entusiasmo havido nos debates.

2.º TRABALHO : "SAMAMBAIAS"

Autor: GUILHERME MALFATTI

Técnica: App. Ikonta, Tessar 3,5 — Filme Plenachrome — F.5,6-1/50 — Filtro amarelo claro. Revelação em Metol-glicina.

AUTOR — Explica estar tentando de ha muito, uma fotografia de samambaias, pois se encantou com a delicadeza das linhas de suas folhas e a tonalidade verde muito própria destas plantas. Em Campos do Jordão, encontrou um dia, numa floresta, uma grande quantidade de samambaias em seu "habitat" natural. Colheu então a fotografia em estudo.

ORIENTADOR — Salienta apresentar o trabalho extraordinária riqueza de tons e meias tintas, mesmo nas sombras mais densas, tornando o trabalho muito delicado. Por experiência própria, sabe quanto é difícil a reprodução do verde, especialmente do verde das nossas árvores, que geralmente sae preto sem detalhes nem nuances. O trabalho em exame, evidenciava os grandes conhecimentos técnicos que o autor possui, pois somente com uma revelação especial e sabiamente conduzida, se poderia obter aquela exuberancia de tons. Convidava, pois, o autor, um dos nossos mais antigos aficionados, a explicar detalhadamente, a técnica adotada.

AUTOR — Estudando a luz local, verificou que a mesma, nas horas mais comuns para se fotografar, não se adaptava ao que desejava, oferecendo maiores contrastes. Depois de varias tentativas e observações, concluiu que, por extranho que pareça, a melhor iluminação éra obtida com o sol a pino, de meio dia, de grande intensidade, e que coando por entre as altas árvores da floresta, chegava em baixo esmaecida, em tons suaves, produzindo uma iluminação difusa. Dai o resultado obtido, quanto á iluminação do motivo. Por outro lado, sua experiência demonstrou que o nosso verde rende melhor com filme ortocromático e filtro amarelo claro, enquanto que com filme pancromático dever-se-ia usar filtro verde-azulado ou verde bem intenso. Quanto á exposição e revelação, adotou uma sobre-exposição e revelação suave, de superfície, com o revelador indicado, solução nova, preparada na hora, o que o torna de ação ainda mais suave. Essa é a melhor técnica — sobre-exposição e revelação de superfície — para a obtenção de detalhes nas sombras.

ORIENTADOR — Solicita, para esclarecimento dos colégas mais novos, maiores detalhes sobre revelação de superfície.

AUTOR — Dá explicação detalhada sobre como atua o revelador sobre os grãos de prata; em resumo: tanto mais profunda a sua ação quanto mais vigoroso ou enérgico o revelador e consequentemente, maior contraste entre luzes e sombras. Os reveladores suaves atuam mais na superfície. Assim, ao se fotografar assuntos contrastados, para obter detalhes nas som-

bras, e considerando a latitude do filme negativo, deve-se expor tendo em vista as sombras e não as altas luzes. Entretanto, ao se fazer a revelação deve-se usar um revelador pouco enérgico, o qual dá suficientes detalhes nas sombras sem penetrar a fundo nas altas luzes. Obtem-se assim um negativo rico de tonalidades.

ARNALDO FLORENCE — Salienta o valor das observações do autor, corroborando o quanto já foi dito nos julgamentos dos concursos internos: a execução de um trabalho exige, muitas vezes, acurado estudo inclusive da técnica melhor a seguir em determinados casos. Sugere que a valiosa dissertação do Dr. Malfatti seja objeto de um seu artigo a ser publicado no Boletim.

Palmas calorosas, acolhem a sugestão.

3.º TRABALHO — "CORTIÇO"

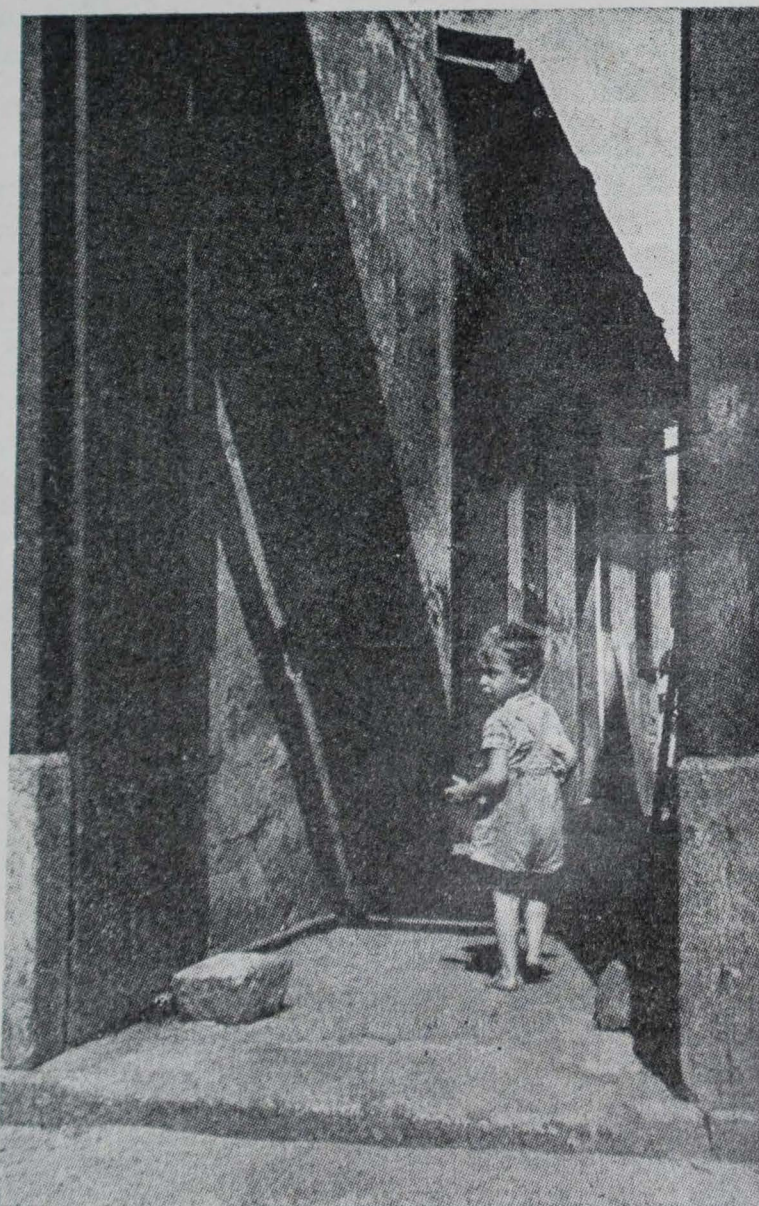
Autor: GERMAN LORCA

Técnica — App. Rolleiflex, Tessar 3,5 — Filme Anso Supreme — Sem filtro; Revelado em DK 20 — Ampliação comercial.

AUTOR — Tinha tido a ideia de realizar uma fotografia que representasse um cortiço, com todas as peculiaridades de seus problemas sociais; colheu o instantaneo em apreço, aproveitando a figura do menino ao entrar no estreito corredor.

GERALDO BARROS — Parecia-lhe não ter sido o autor totalmente feliz, não havendo, ao que julga, estudado o autor previamente o local. A fotografia não reproduz propriamente um cortiço, nem dá ideia do ambiente próprio.

AUTOR — De fáto, dada a dificuldade do assunto e para não chamar a atenção do figurante colheu o "instantaneo" em apreço.



"CORTIÇO"

German Lorca

ORIENTADOR — Sallenta não ser sempre o "instantâneo" — assim entendido a rapidez de ação do fotógrafo — o método de ação mais indicado para assuntos como o da fotografia. Em cenas de rua — tema em que o autor, já nos apresentou ótimos trabalhos — muitas vezes assim deve agir o fotógrafo para apanhar a cena e seus figurantes com toda a naturalidade, no momento mais indicado ao que se quer expressar. Quando, porém, se quer retratar ambientes, deve-se fazer um estudo acurado do local, suas condições de iluminação, ângulo mais adequado, etc. e a própria colocação das figuras e suas atitudes devem ser cuidadosamente observadas, dispondo-se os elementos no quadro em função do próprio conceito a ser expresso fotograficamente.

AUTOR — Já havia tentado o mesmo assunto seguindo essa orientação, mas a despeito de seus esforços não conseguira registrar com intensidade emocional a ideia fundamental.

4.º TRABALHO — "MATERNIDADE"

Autor: JAYME SERVA

Técnica — App. Leica, Elmar 3,5 — Filme Plus X — Luz artificial: 2 refletores com Fotoflood n.º 2, um deles para luz ambiente, e um Spotlight dirigido para o fundo. F,4,5 com 1/60 — Revelação em casa comercial. Ampliação pelo autor em papel Ilford.

AUTOR — A fotografia fora realizada com a intenção de resaltar o conteúdo humano da cena, o sentimento maternal. A iluminação bem como detalhes inclusive do vestuário, foram previamente estudados.

ORIENTADOR — Chamava a atenção para um defeito da iluminação pelo uso do spotlight concentrado entre a cabeça da mãe e da criança, provocando uma intensidade de luz naquele ponto que disturbava o efeito geral; a iluminação poderia ter sido obtida com melhor resultado, colocando-se uma luz por detrás do modelo, de baixo para o alto, dirigida para o fundo. A iluminação em torno da figura obtida na ampliação, por meio de "proteções", parecia-lhe também muito forte.

ALDO SOUZA LIMA — Discordava dessa opinião, pois a aureola de luz contornando a figura, reproduzia de forma expressiva a ideia sentimental que o autor desejava interpretar: a figura de mãe, (aparte do Laerte: "dava-lhe santidade), que todos veneramos.

PLINIO MENDES — A ideia era muito romantica, pura e bonita; estava com Souza Lima.

M. MORALES — A fotografia apresentava-se, a seu ver, em moldes muito clássicos, sem ambiente, sem dar ideia de lar.

AUTOR — Sua intenção foi apenas exaltar, simbolizar, a maternidade, sem entrar em outros pormenores.

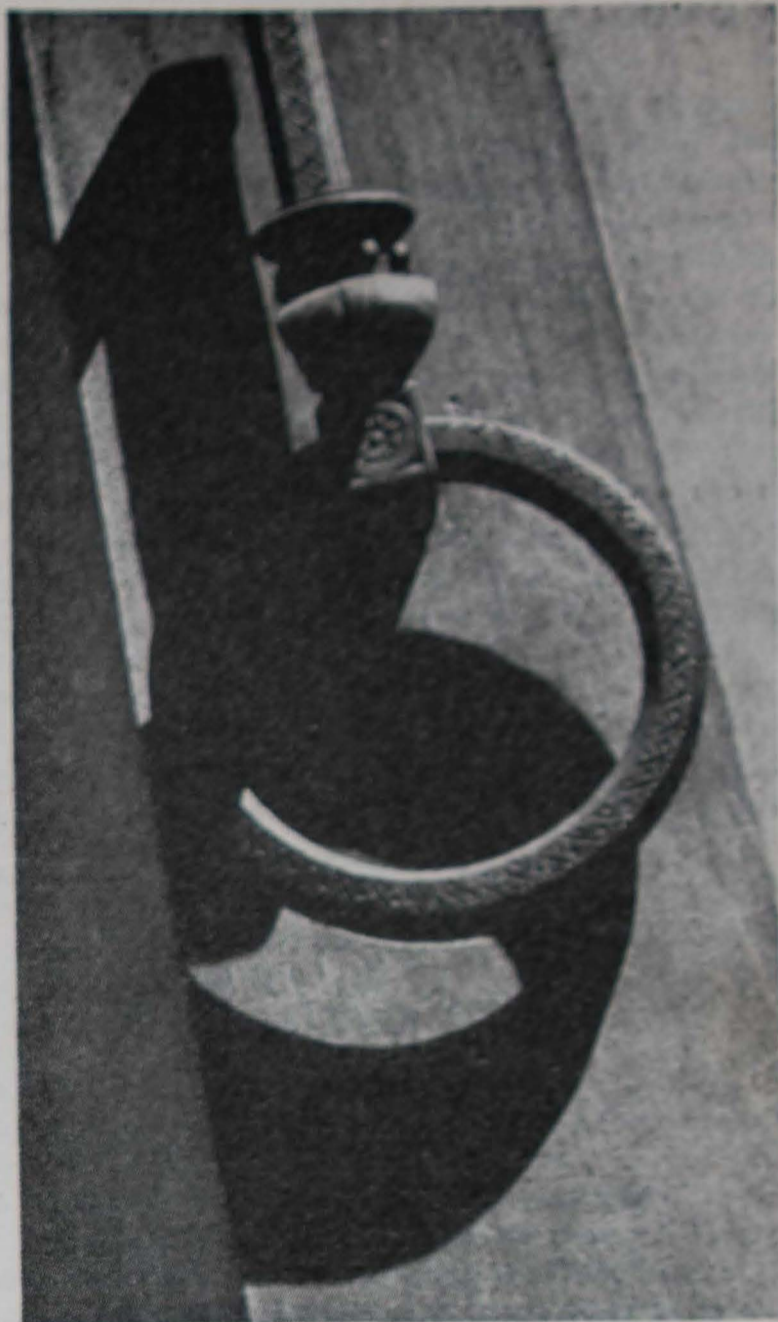
FR. ALBUQUERQUE — Sugere a execução de outra ampliação, melhorando o corte, dando maior espaço no lado esquerdo, descentralizando a figura, assim como melhorando-se a iluminação, isto é, "queimando" gradativamente a parte inferior da fotografia (manga do vestido, fralda, etc.) de maneira a se concentrar todo o interesse no ponto principal do quadro, ou seja nas figuras da mãe e da criança.

ORIENTADOR — Encerra os debates, ressaltando as qualidades da fotografia, maximé em se tratando de um amador novo, que revela já excelentes aptidões.

5.º TRABALHO — "RELEVO"

Autor: GERALDO DE BARROS

Técnica: App. Ikoflex, Tessar 3,5 — F.8, 1/100 — Filme Ansco Supreme — Sem filtro — Sól de 11 horas —



"RELEVO"

Geraldo de Barros

Revelado em Parafina — Ampliação comercial.

AUTOR — Com o trabalho procurou apenas um jogo de luz e sombra; obter relevo. O negativo apresentava muito maior campo, com excesso de cousas (uma grade, etc.) que dispersavam a atenção. Fizera então o corte apresentado pela ampliação em estudo, seguindo sugestões recebidas no Clube. A revelação do filme, surpreendeu-o, pois resultou um negativo fraco, quando havia dado exposição normal para a iluminação do assunto.

ORIENTADOR — As observações do autor vêm confirmar aquelas recomendações já feitas muitas vezes no Clube e que o amador dificilmente toma em conta. O artista completo, ao conceber a realização de uma obra fotográfica, já tem ideia formada sobre os efeitos que quer conseguir; ipso-facto, já dá o tempo de pose em consonancia com o tipo de revelador que vai empregar e este é também escolhido de conformidade com o que o autor pretende expressar, para produzir maior ou menor número de detalhes; assim também a escolha do papel e do respectivo revelador e tempo de exposição para a ampliação. A maioria dos amadores, porém, não age desta forma. Obtem o negativo sem levar em conta o tipo de revelador que vai usar e depois, passa a se preocupar com inumeros problemas de ordem técnica e estética, para poder extrair do negativo resultados que melhor expressem a sua ideia. E, o peor, nem sempre o conseguem... No caso, o revelador empregado, sendo suave, exigia uma sobreexposição.

MANOEL MORALES Fº. — Via na fotografia um trabalho simplesmente decorativo, quando com os mes-

mos elementos, poderia haver uma concepção mais profunda.

AUTOR — Realmente, na época da obtenção do negativo, antes de ingressar no Clube, o conceito de fotografia artística que possuía, era muito falho e julgava ser fundamental apenas o jogo de luzes e sombras para impressionar, sem cuidar de outros valores expressivos, sem cuidar do "conteúdo", valores estes que hoje já conhece e dos quais tomou pulso no convívio mantido com os colegas do Clube, nos concursos internos e seminários. Agora já vê na fotografia novas ideias, mais sociais, traduzindo as constantes modificações e problemas que a vida atual nos apresenta.

ORIENTADOR — Confirma as palavras do autor ressaltando que, na atualidade, procura-se um maior conteúdo humano, e não a fotografia simplesmente pictorial de alguns anos atrás, as paisagens banais (uma boa paisagem é muito difícil), as fotografias apenas decorativas, com jogos de luz e sombras, interessantes sem dúvida, mas isentas de conteúdo. Uma corrente nova surge na Arte Fotográfica, especialmente entre os artis-

tas europeus e em particular entre os italianos, procurando interpretar com sinceridade, espontaneidade e realismo, todos aqueles problemas sociais que o pós-guerra nos trouxe, influenciando nossas atividades e inclinações artísticas. É o "néo-realismo" que principia a influir também as outras artes, a literatura, o cinema, etc..

SOUZA LIMA — Comenta a composição do trabalho em apreço julgando-a falha, inclusive com o emprego de faixas diagonais de tonalidades diferentes, disturbando a ideia de "relevo" que foi o "motivo" do quadro, principalmente com a interrupção abrupta da sombra da argola.

ORIENTADOR — Concorda com a opinião acima. Um fundo homogêneo, no qual se projetasse a sombra toda, inteira, acrescidos de outros toques de luz no objeto principal, produziria melhor a sensação de "relevo" para cuja obtenção a iluminação adequada do assunto é de primordial importância. No caso em apreço, porém, a ação do fotógrafo estava limitada pela própria conformação do pilar onde se prendia a argola.

"FOTOGRAFIA E CINEMA"

Palestra pelo Dr. Benedicto J. Duarte

O Foto-cine Clube Bandeirante, fará realizar, em prosseguimento ao programa de ilustração cultural que organizou, na noite do dia 17 de novembro na sede social uma conferência à cargo do Dr. Benedicto J. Duarte, intitulada: "Fotografia e Cinema".

O conferencista, grande conhecedor dos problemas da Sétima Arte, há vários anos desenvolve intensa atividade como cronista cinematográfico em nossa imprensa, norteando suas apreciações críticas de forma bastante objetiva, introduzindo-lhes considerações de ordem estética que merecem de seus leitores a melhor acolhida, recomendando-o como dos mais abalisados nessa especialização.

Por outro lado, cultivando com não menor intensidade o cinema em seu campo prático, o Dr. Benedicto J. Duarte se encontra à frente da Divisão de Iconografia do Departamento Municipal de Cultura, setor onde tem demonstrado uma notável compreensão e assimilação das delicadas e variadas particularidades da cinematografia, através de documentários sumamente ilustrativos e de valor artístico bastante destacado.

Tudo nos permite afirmar, portanto, um grande êxito para aquela palestra da noite do próximo dia 17,

quando teremos ensejo de ouvir a palavra do nosso prezado consócio, examinando problemas técnicos e estéticos da fotografia em face do cinema.

A entrada é franqueada aos interessados.

FOTO-CINE CLUBE DO RECIFE

Mais uma notícia auspiciosa nos vem do norte do País, onde a fotografia artística vem tomando, nestes últimos tempos, grande incremento: a fundação, a 30 de setembro p.p., do FOTO-CINE CLUBE DO RECIFE, na Capital do Estado de Pernambuco, cuja primeira Diretoria está assim constituída:

Presidente de Honra: Dr. Cezio Regueira Costa

Presidente: Dr. Francisco Rodrigues

Vice-Presidente: Normando Blascos Medeiros

1.º Secretário: Walter Guimarães Motta

2.º Secretário: Dr. Jayme Monteiro

Tesoureiro: Argemiro Falcão

Suplentes da Diretoria: Antonio Medeiros Carneiro, Dr. José Aguiar e Tte. Célio Fernandes.

Transmitindo á novel entidade a entusiástica saudação dos "bandeirantes", e nossos votos de completo êxito e prosperidade, asseguramos aqui ao FOTO-CINE CLUBE DO RECIFE, a inteira colaboração do F. C. Bandeirante e seu "Boletim".

KOSMOS FOTO
ARTIGOS E SERVIÇOS
FOTOGRAFICOS, CINEMATOGRAFICOS
RUA SÃO BENTO, 288 - TEL 2-5882
SÃO PAULO

VAMOS FILMAR MELHOR?

Por MR. DIM

Todo amador de cinema, iniciando suas atividades com a câmera, em mais de 90% dos casos, focaliza suas lentes sobre aqueles assuntos de sua vida diária: os filhos, os pais ou os seus animais de criação. A ansiedade com que ele aguarda o primeiro rolo é uma dessas sensações que as palavras não podem muito bem descrever. Quando o filme está pronto, é exibido dez vezes na mesma noite e todos os vizinhos e amigos são convidados a assistir à "magnífica produção"...

Os rolos seguintes, ainda concentrados no mesmo tema, já têm a faculdade de mostrar ao amador que ele realmente não "aproveitou" a matéria prima que se encontrava à sua disposição e houve, naquela nova realização, um desperdício apreciável.

Si ele for desapassionado e sincero na auto-crítica do seu trabalho, poderá assinalar as seguintes imperfeições:

- a) — Descontrôle na metragem das cenas — cenas muito curtas ou longas em excesso;
- b) — Enquadração errada — emprêgo inadequado das lentes; erros de paralaxe; distorsões desagradáveis, etc.;
- c) — Desequilíbrio — as cenas aparecem "dansando" ou revelando a respiração ofegante do operador (naturalmente emocionado pela grande obra que está produzindo);
- d) — Fotografia deficiente — iluminação errada: sub ou super exposição do assunto; utilização de filtros imprópria;
- e) — Interêsse limitado do filme — assunto de tal forma pessoal ou de cunho tão íntimo, que só mesmo a "família" do autor pôde suportar.

Chegando a conhecer todas essas falhas, a preocupação do amador deverá ser, portanto, de solucioná-las, parcial ou totalmente. No filme seguinte, organizando seu trabalho de maneira cautelosa e procurando fixar a origem dos primeiros erros, sem dúvida corrigirá muitos deles, podendo apresentar um resultado bastante satisfatório e de alcance geral.

Qual o primeiro elemento a considerar?

Poderíamos dizer: a escolha de um assunto por si só interessante de ser cinematografado.

Si voltarmos ao ambiente familiar do amador, podemos, ali mesmo, encontrar uma forma interessante de expor uma passagem, um acontecimento da vida quotidiana, interpretando-o em termos rigorosamente cinematográficos. Os elementos básicos estão

ao alcance do amador: as pessoas, o ambiente, os objetos, etc., etc.. Resta reuni-los, entrozando-os num mesmo tema e fazê-los integrantes da história a ser narrada. Escolhido o tema (incidente, hábitos domésticos, passatempos, etc.), vamos organizá-lo em um roteiro sintético, fixando o número de cenas a serem filmadas e obedecendo à sequência dos acontecimentos.

Concluído esse trabalho preliminar, o amador irá determinar, aproximadamente, a metragem de cada uma das cenas, distribuindo-as de acôrdo com a importância que elas venham ter em relação à história. Uma, será tão extensa quanto for necessária à perfeita identificação do personagem ou do desenrolar do assunto. Outra, será mais curta e terá sua razão de ser, como simples elemento de ligação com uma outra que a sucederá na projeção.

Quando a filmagem é realizada sem esse cuidado, somos obrigados a ver cenas quasi quilométricas e sem expressão cinematográfica alguma, enquanto outras, surgem aos nossos olhos como verdadeiros lampejos e guardamos uma impressão de tal forma fugidía que nosso espírito não é capaz de assimilar e interpretar. Em ambos os casos, o material negativo foi desperdiçado: no primeiro, esbanjou-se e, no segundo, não foi utilizado. O ideal, portanto, é a utilização do filme sinão integralmente, (coisa que raramente sucede), pelo menos em proporção muito alta. As cenas filmadas com esse critério, de distribuir sua metragem em relação à importância que irão ter no desenrolar do filme, geralmente apresentam uma porcentagem de aproveitamento muito grande e muito pouco é desprezado por ocasião da montagem definitiva.

Completando o detalhe que acabamos de examinar, passamos à enquadração. Fixada a idéia da cena a ser realizada, cabe agora ao amador determinar o melhor ângulo de sua máquina e, dentro desse ângulo, determinar qual a melhor lente para registro. Uma grande angular, para abranger uma paisagem, ou dar a situação completa do local onde a cena se desenrolará? Uma normal, para a apresentação do personagem em um plano mais aproximado? A tele, para indicação de um letreiro, de uma placa, de um detalhe?

Todo cuidado deverá haver por parte do amador, na escolha do elemento a ser utilizado na filmagem da próxima cena. Si ele não o empregar bem, estará roubando à

cena muitos valores e prejudicando sensivelmente o conjunto. Mesmo que a escolha da lente não tenha sido adequada, o ângulo de filmagem poderá estar errado e, nestas condições, tudo ficará inutilizado. Portanto, deve o amador ter a preocupação de "experimentar" suas lentes, para poder conhecer-lhes as qualidades, as possibilidades e o rendimento que pode obter de cada uma, quando aplicadas em circunstâncias similares àquelas por ele ensaiadas. Com esse conhecimento prévio, facilmente escolherá o ângulo e o campo focal apropriado à interpretação da cena a gravar.

O elemento seguinte será a fotografia. Si o filme é tomado em exteriores, a emulsão pancromática permitirá um rendimento mais agradável e si for o caso de empregar uma ortocromática, o assunto em si justificará plenamente essa preferência. As cenas que exigirem iluminação artificial, deverão ser registradas em emulsão mais rápida, mais sensível e, por isso mesmo, exigindo uma distribuição das luzes de forma agradável e que impressione favoravelmente os olhos do espectador quando assistir ao filme. Uma iluminação intensa e mal distribuída, quebrará o interesse da cena e só poderá fatigar. Sucede, com alguma frequência, ser a iluminação quase perfeita. Todavia, por parte do operador houve erro de exposição e a cena se apresenta ou muito escura ou excessivamente brilhante. O emprêgo do fotometro, nestes casos, é imprescindível e o amador não deve descurar de proceder tantas medições quantas lhe parecerem oportunas. Já nessa altura do trabalho, ele não estará jogando somente com o material negativo e o seu tempo. Ele também estará consumindo suas fotofloods e a energia da companhia de força e luz que, infelizmente, não lhe é proporcionada sem a

regular e improrrogável contribuição mensal... O elemento financeiro, neste gênero de trabalho, já oferece margem para uma consideração muito especial o que justifica, perfeitamente, o maior rigor técnico do amador na realização da filmagem.

Esse rigorismo, não deverá ser menosprezado tampouco quando filmar exteriores. Nessa ocasião, quasi sempre o amador é "tentado" a empregar os seus filtros — amarelo, verde-amarelo, vermelho, vermelho-rubi, laranja, visando obter efeitos impressionantes, "Hollywood-style" ou Orson-wellianos" (perdoem-me o "neologismo" os apologistas de Orson Welles), redundando na maioria das vezes em retumbantes fracassos. O emprêgo parcimonioso dos filtros é uma recomendação básica. Vamos utilizá-los, quando estivermos perfeitamente seguros dos "efeitos" que podemos e desejamos realmente alcançar. Quando isso não for possível, poderemos empregá-los em caracter "experimental" e analisarmos, posteriormente, o que obtivermos. Dêsse resultado, vamos extrair ensinamentos valiosos a serem aplicados no futuro, com absoluto aproveitamento: técnico e artístico.

Concluindo, chegamos ao último problema: a instabilidade da filmagem. A solução? O emprêgo rigoroso de um bom tripé ou outro qualquer elemento de apoio que mantenha equilibrada a filmadora e permita uma projeção estável, sem os riscos de "marearmos" a assistência.

Estas recomendações, que o novato poderá julgar excessivas, num rápido exame, quando aplicadas, vão lhe mostrar quanto oportunas elas são, ditadas que foram pela EXPERIÊNCIA e repetidas a cada momento, por todos aqueles especialistas que, rigorosamente as adotam e as tem como verdadeiros postulados.

1.º Concurso Cinematográfico Nacional para Amadores

Valiosos troféus oferecidos pela "A Gazeta" e "A Gazeta Esportiva"

Conforme tem sido amplamente anunciado, o Fotocine Clube Bandeirante está promovendo o 1.º Concurso Nacional de Cinematografia para amadores.

E' essa, outra iniciativa do nosso Clube, visando levantar o nível técnico e artístico do cinema amador em nossa pátria, pois é indiscutível que o cinema conta hoje com grande número de praticantes. Esse primeiro concurso, virá, por certo, demonstrar qual o gráo de diantamento a que atingimos nesse sector, bem como contribuirá para chamar a atenção dos aficionados do cinema para os múltiplos e difíceis problemas com que terão de se defrontar para a execução de um bom filme.

Oportuna e utilíssima, portanto, a realização deste primeiro Concurso, cujo regulamento já está sendo distribuído pelas principais casas fotográficas do país.

— x —

Além dos premios que serão oferecidos pelo Clube aos melhores trabalhos, temos a satisfação de anunciar que os brilhantes vespertinos "A GAZETA" e "A GAZETA

ESPORTIVA" vêm de ofertar mais dois valiosos troféus a serem conferidos aos autores dos melhores filmes versando sobre os seguintes temas: 1) "S. PAULO (Capital) — Atividades, empreendimentos, industrias, etc." — 2) "ESPORTES" — treinamentos, disputas demonstrações, etc.).

Como vemos, temas dos mais sugestivos e que se prestam sobremaneira para a realização de esplendidos documentários, perfeitamente ao alcance dos amadores.

Aumenta, assim, o interesse que o 1.º Concurso Cinematográfico Nacional para Amadores, — realização inédita ainda em nossa pátria — já está despertando.

— x —

Os Boletins de inscrição e regulamento do Concurso, bem como qualquer esclarecimento poderão ser solicitados ao Departamento Cinematográfico do Fotocine Clube Bandeirante, á R. Avanhandava 316, S. Paulo, que os atenderá prazerosamente.

ATIVIDADES FOTOGRÁFICAS NO PAÍS

1.ª MOSTRA FOTOGRÁFICA REGIONAL DE S. VICENTE — Promovida na cidade praiana, pela sucursal de "A Tribuna" de Santos, com o apoio do Foto Clube de Santos, realizou-se interessante certame fotográfico tendo por motivo a divulgação dos recantos e aspectos mais lindos e sugestivos da velha e histórica localidade do nosso litoral.

A iniciativa alcançou pleno êxito, reunindo belíssima coleção de fotografias, e a 3 de outubro p.p., na sede do Atlântico Clube Vicentino, realizou-se, com invulgar brilho, a solenidade de inauguração da exposição, tendo comparecido, entre outras pessoas gradas, os Srs. José Monteiro, Prefeito Municipal de São Vicente, Boris Kauffman, Presidente do F. C. de Santos, Edison Teles de Azevedo, representante de "A Tribuna", vereadores municipais, e grande número de convidados e pessoas gradas.

Tendo também objetivos filantrópicos — pois o produto da votação popular para a escolha da fotografia mais apreciada pelo público reverterá em benefício do "Orfanato S. Gabriel" — foi essa iniciativa acolhida com extrema simpatia pela população local que vem se interessando vivamente pelo concurso.

Aos organizadores da linda mostra, as nossas congratulações.

— x —

Foto-cine Clube de Campinas

A despeito de terem iniciado suas atividades clubísticas recentemente, os campineiros veem nos surpreendendo com empreendimentos dignos dos maiores elogios. Assim é que valendo-se da "Semana da Criança", tiveram a feliz lembrança de fixar como tema para sua 1.ª Exposição Interna, "A Criança". Além de muito oportuno, presta-se esse tema para trabalhos de muita emotividade, o que lhes garantirá, por certo, uma exposição sumamente interessante.

Assim também, a Secção Feminina do clube campineiro já deixou o terreno das cogitações para se transformar em realidade, pois desde 13 de outubro corrente, encontra-se funcionando essa nova dependência, cuja direção foi entregue às Exmas. Sras. Donacila dos Santos Messias, Alice S. Fernandes e Ilze M. Martins.

Denotando elevado espírito associativo os campineiros têm estado em permanente contato com o Bandeirante, tecendo, desse modo, uma sólida amizade interclubes. De recente ofício recebido pelo Sr. Presidente do F. C. B., destacamos, com a devida venia, o seguinte trecho que comprova o que vimos de asseverar:

"... Estando o nosso Clube em plena fase de organização, é natural que não podemos deixar de procurar o inestimável apoio do Foto-cine Clube Bandeirante, o qual, aliás, vimos sentindo pelas remessas gentis do apreciado "Boletim F. C. B." e de regulamentos de Salões, o que muito nos desvanece. Entretanto, o "Bandeirante" para nós é como se fosse uma federação de foto-clubes, por isso que, tomamos a liberdade de solicitar a concessão de uma visita às suas instalações, afim de auferirmos proveitos tanto técnicos como de administração, sobre os quais, em que valha o ambiente de ação, desejamos nos basear. Caso não haja inconveniente, pedimos a fineza de comunicar o resolvido, afim de, no caso de ser favorável, marcarmos uma data e hora para essa visita de instrução."

Excusado encarecer que a visita dos campineiros às dependências do Bandeirante, constituirá motivo de intenso júbilo e marcará uma etapa definida na confraternização das duas entidades.

— x —

Foto Clube Pontagrossense

A pedido da esforçada e ativa entidade paranaense, o julgamento dos seus últimos concursos internos, vem sendo feito pelo F. C. Bandeirante, nos moldes dos concursos aqui realizados, de maneira a dar assim, aos aficionados pontagrossenses uma orientação a respeito. Assim é que, da Diretoria do F. C. Pontagrossense, recebeu o Clube delicado ofício, com a relação dos 3 primeiros classificados nas duas categorias de concorrentes (a identificação dos trabalhos é feita em Ponta Grossa), do qual destacamos o seguinte trecho:

"No ensejo que se nos ofereceu a apreciação de seu muito apreciado comentário, todos os nossos amadores, quer concorrentes ou não, puderam apreciar quais as deficiências e os méritos imperantes nos referidos trabalhos. Tendo sido unânime o interesse que demonstraram para que, no futuro, todos os trabalhos sejam julgados por esse Clube."

Foram os seguintes os vencedores do primeiro concurso do F. C. Pontagrossense, julgado no Clube:

Seniors:

- 1 — Adão R. Felde — "Crepusculo"
- 2 — Antonio R. Bianco — "Travessia"
- 3 — Germano Koch Jr. — "Composição"

Juniors:

- 1 — Dr. Jorge Silveira — "Estudo"
- 2 — José Weiss — "Ovelha desgarrada"
- 3 — Alvaro Borges — "Silhueta"

Visitante ilustre

Tivemos a satisfação de receber em nossa sede social, na noite de 13 de outubro, a visita de ALBERTO CAVALCANTI, renomado patricio radicado em Londres ha muitos anos, e que óra se encontra entre nós, a convite do Centro de Estudos Cinematográficos de S. Paulo, efetuando uma série de palestras sobre momentosos problemas do cinema, demonstrando em todas elas um profundo conhecimento da difícil Arte e uma formação profissional de veras elogiável, e que, por isso mesmo, têm alcançado grande repercussão, atraindo não só os estudiosos da matéria como a sociedade em geral.

A sua presença em nossa sede, coincidindo com o 3.º seminário que se realizava, marcou, por isso mesmo, um acontecimento na nossa vida associativa. De trato lhano, cativante e de irradiante simpatia, Cavalcanti logo se tornou um nosso grande Amigo, revelando em suas palavras um entusiasmo excepcional por tudo quanto estava apreciando, reconhecendo em nossas atividades uma extraordinária vitalidade e um desenvolvimento artístico que não esperava encontrar tão evoluído e consolidado.

Acedendo a um convite de nosso Presidente, que o apresentou á assistência, Cavalcanti, em rápidas palavras, frizou a necessidade de crearmos a cinematografia nacional, contornando aqueles vícios já ha muito arraigados e que estão, entre nós, impedindo o pleno desenvolvimento de uma indústria, hoje de interesse indiscutível e de alcance social inegalável. Convidava, portanto, os jovens brasileiros, entusiastas da Arte Cinema-



tográfica, a se reunirem e congregados pugnar por um cinema verdadeiro, humano e honesto.

Retirando-se em seguida, em companhia de Paulo Giolli, Presidente do Centro de Estudos Cinematográficos, outro jovem e grande idealista e batalhador do bom cinema, Cavalcanti deixou consignado em nosso livro de visitas, as seguintes expressivas e carinhosas palavras:

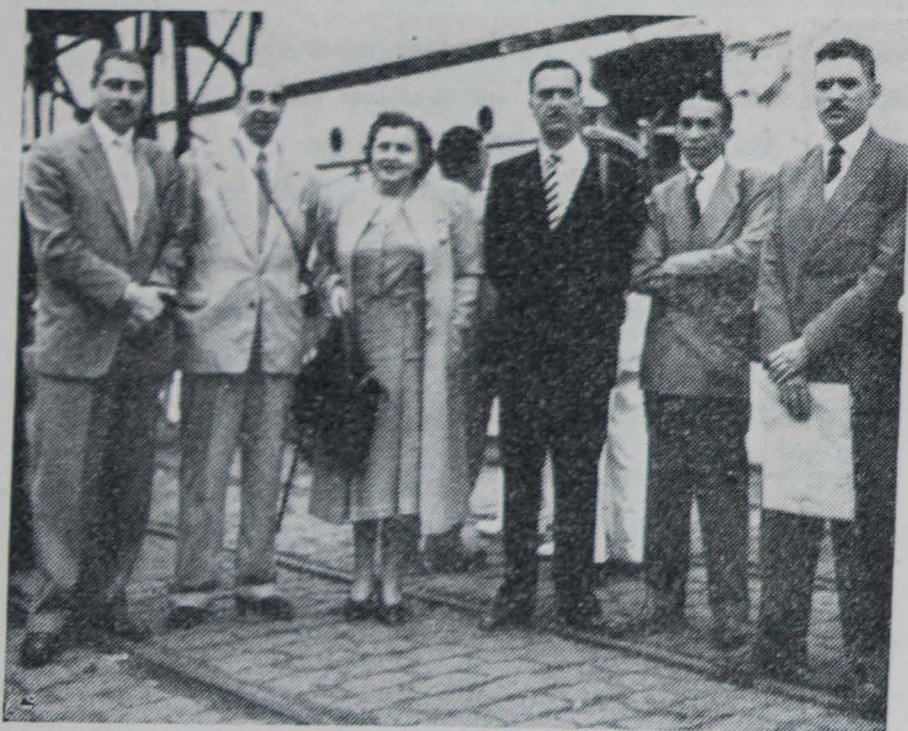
“Deixo todos os votos para um brilhante futuro e todas as felicitações pelo trabalho que tanto impressionou o

ALBERTO CAVALCANTI”.

Os "Bandeirantes" visitam Humberto Zappa

De regresso da Europa, onde visitou diversos países, passou por Santos, a bordo do "Conte Grande", a caminho da Argentina, o nosso velho Amigo e colaborador, Humberto Zappa, que se fazia acompanhar de sua Exma. Esposa.

Aproveitando a oportunidade dessa rápida estadia em nossa terra, uma comitiva de Diretores e Associados



do Clube desceu até o litoral, afim de apresentar ao ilustre visitante os cumprimentos dos "bandeirantes" e as expressões da amizade que ha tantos anos vimos cultivando com o presado companheiro platino, um dos mais insignes e renomados artistas do bromoleo existentes em nosso continente.

No decorrer daquela manhã, através da palavra autorizada do distinto artista, tivemos interessantes informações das atividades artístico-fotográficas nos países por ele visitados, especialmente a Italia, bem como do prestígio de que goza o Foto-cine Clube Bandeirante junto ás entidades por ele visitadas no decorrer de sua viagem.

Ao se despedir, Zappa, que foi portador das saudações "bandeirantes" aos colegas do Prata, num gesto dos mais cativantes, ofertou ao Clube dois esplendidos bromóleos de sua autoria, sendo um deles, delicada miniatura em côres, trabalho que não só é rico de expressão como é também um exemplo da extraordinária técnica alcançada pelo seu autor neste gênero difícilimo da fotografia artística.

Reiteramos aquí ao distinto visitante e ilustre Senhora, os nossos cumprimentos, esperando tê-los novamente entre nós muito em breve, quando então, poderemos prestar-lhes aquelas homenagens de que são merecedores e que a exiguidade da permanencia não nos permitiu tributar-lhes. No cliché, um flagrante colhido no porto de Santos, no qual vemos o distinto casal entre a comitiva bandeirante.

O BANDEIRANTE NO EXTERIOR

Brilha o Brasil em Antuérpia e Londres — Últimos resultados

As notícias recebidas do exterior dão-nos conta de novos sucessos assinalados pelas representações bandeirantes, dando ao Brasil posição saliente nos vários Salões Internacionais de que participa. Dentre estes, destacamos os resultados de Antuérpia e Londres. Quanto ao primeiro, a **Fotografische Kring "IRIS"**, organizadora do Salão de Antuérpia, Bélgica, um dos mais importantes do continente europeu, em carta enviada ao Clube cumprimenta-o pelo valor de sua representação, salientando o significado da conquista, pelo nosso consócio Francisco Albuquerque, de uma das 10 "medalhas de honra" conferidas pelo Salão, e entre cujos vencedores estão conhecidos e renomados artistas como A. Bodine, dos E.E. Unidos, Erno Vadas, da Hungria e R. Winquist da Suécia. Resalta ainda, ter-se colocado o Brasil em 3.º lugar com 26 trabalhos admitidos, ultrapassado apenas pelos Estados Unidos com 36 e a Hungria e a Alemanha com 29 fotos cada um.

Quanto a Londres, basta dizer que além de um dos mais antigos — tem 40 anos — é considerado um dos mais severos salões do mundo. Expressivo, portanto, o resultado nele colhido e de que damos notícia abaixo.

— x —

16.º SALÃO DE ANTUÉRPPIA, BÉLGICA — Admitidos: Julio Agostineli, com "Ypê da estrada"; Francisco Albuquerque (medalha de honra), com "Fuga", "Ela e os planos" e "Estudo"; Galiano Caliera, com "Delirio"; Thomaz J. Farkas, com "Ministério da Educação"; Gaspar Gasparian, com "Serenidade"; Carlos F. Latorre, com "Olhos que falam"; Henri E. Laurent, com "Matinal"; German Lorca, com "A procura de emprego" e "Irmã de caridade"; Manoel Morales Fo., com "Ondas"; Ludovico E. Mungiolí, com "Colonial"; Angelo F. Nuti, com "Pescaria"; Eduardo Salvatore, com "Tormenta" e "Barcas"; Emilio Talochi, com "Ciclistas"; Luis Vaccari, com "Mimosa"; e José V. E. Yalenti, com "Arquitetura".

Nossos colegas da Soc. Fluminense também estiveram presentes a esse certame, com Francisco Aszmann, que expoz "Voogevoel van de storm", "Herinnering aan Europa", e "God geve de Vrede"; Jaime Moreira de Luna, com "Cumulus Congestus" e "Entardecer Santarritense" e Frederico Sommer, com "Mysti Morning", além de nosso consócio José Oiticica Fº., óra residente nos Estados Unidos, que compareceu com "Zilverregen".

— x —

10.º SALÃO DE VANCOUVER, CANADÁ — Foi o Brasil representado neste certame por nossos companheiros Guilherme Malfatti e Eduardo Salvatore que tiveram admitidos, respectivamente, os trabalhos "Ultima luz" e "O homem e a natureza".

40.º SALÃO DE LONDRES — Admitidos: "Idade Perigosa" e "Ela e os planos" de Francisco Albuquerque; "Metálica" de Dagoberto R. Almeida; "Ballet" de Galiano Caliera; "Composição" de Thomaz J. Farkas; "Leque marinho" de Carlos F. Latorre; "Silhueta" de Masatoki Otsuka; "Sombras da tarde", "Tormenta" e "Aguas silenciosas" de Eduardo Salvatore; "Par" de Sergio Trevelin; e "Soberana dos Rios" de Luis Vaccari.

— x —

6.º SALÃO DE BUENOS AIRES — Admitidas: "Little Lady" de João Bussili; "Descanço" de Carlos Comelli; "Alvorada" de Carlos F. Latorre; "Sombras da Tarde" e "Tormenta" de Eduardo Salvatore; "Tropical" de José E. Yalenti; "Templo Oriental" de Roberto Yoshida; "Após a Onda Passar" de M. Laerte Dias.

ATIVIDADES SOCIAIS DO CLUBE PARA NOVEMBRO

Dando seguimento às atividades sociais programadas, a Diretoria do Clube organizou para o próximo mês de NOVEMBRO, o seguinte

CALENDÁRIO :

Dia 5, sábado, às 16,30 horas, projeção do filme da R.K.O. — "O BEIJO DA TRAIÇÃO", com John Garfield e Maureen O'Rara.

Dia 14, segunda-feira, às 20,30 horas, 4.º SEMINÁRIO DE FOTOGRAFIA.

Dia 17, quinta-feira, às 20,30 horas, palestra sob o tema: "FOTOGRAFIA E CINEMA", pelo Dr. Benedicto J. Duarte, tratando de problemas do cinema, sobretudo quanto à estética e composição fotográfica. A palestra será ilustrada com projeções.

Dia 19, sábado, às 16,30 horas, projeção do filme da R.K.O. — "AS LUZES VOLTARÃO A BRILHAR", com Paul Henreid e Michele Morgan.

Dia 21, segunda-feira, às 22 horas, encerramento das inscrições ao 4.º Concurso Interno de Diapositivos.

Dia 28, segunda-feira, às 20,30 horas, julgamento do 4.º Concurso Interno de Diapositivos.



Propor novos sócios é o dever de todo bom sócio



CONCURSOS INTERNOS

Conforme já anunciámos, em virtude dos preparativos para o VIII Salão Internacional de Arte Fotográfica de S. Paulo, a se realizar proximamente, decidiu a Diretoria não realizar, no mês de novembro próximo, o habitual concurso interno de fotografias em branco e preto.

Todavia, realizará o 4.º Concurso Inter-

no de Diapositivos em cores, cujo prazo de inscrição terminará, como de costume, no dia 20 daquele mês.

Para o mês de **Dezembro**, encerrando a série de concursos de 1949, foi programado mais um concurso, sob tema de livre escolha do concorrente, os quais poderão inscrever até cinco fotografias cada um, obedecidas as condições constantes do regulamento de concursos internos.

PERGUNTAS

"FOTOCRETINAS"

- Um "diafragma" muito grande é sinal de obesidade?
- Si a Leica é "miniatura" a Graflex é ampliação?
- A "grana" do negativo pode ser guardada no Banco?
- Um fotógrafo "revela" seus sonhos? Ou os seus sonhos são "velados"?
- Si Trevelin fizesse cinema, ele faria "travellings"?
- Um negativo "rebaixado" pode ser promovido?
- Uma solução para "endurecer" leva cimento?
- Um negativo "grão-fino" pode ser de favela?
- No "campo focal" existe arquibancada?
- Uma fotografia bem "tratada" goza de boa saúde?
- Pode-se fazer uma "ampliação pobre" de um milionário?
- Uma "tonalidade falsa" deve ser um caso de policia?
- Uma "natureza morta" pode ter vida?
- Uma fotografia de "movimento congelado" é muito fria?
- Si uma fotografia não tem "vida" qual foi a "causa-mortis"?
- Uma fotografia "operada" exige bisturi?
- A fotografia "esportiva" exige preparo físico?
- Um filme "vencido" correu mal?
- Um "erro de visão" está sujeito á multa?
- Um "assunto trivial" pode ser servido ao jantar?
- Pode-se lavar roupa em "tanque" de revelação?
- Casinha de sapé dá "arquitetura"?
- Voce "corta" a fotografia com facas?... ou com "Farkadas"?

SEAGERS GIN

(DIGA SIGA)

Agora também em

1/2
LITROS

Atendendo a todas as posses, SEAGERS GIN é agora encontrado em duas embalagens distintas - 1 litro e 1/2 litro! Eis a sua disposição o "VELHO" e o "JUNIOR", para que V. possa sempre tomar o seu tradicional SEAGERS GIN!

Esta é uma oferta sensacional da SEAGERS DO BRASIL S. A., aos seus inúmeros amigos consumidores. Adquirá agora, também, o "SEAGERS JUNIOR", o mesmo inigualável produto em embalagens de 1/2 litros, por um preço realmente acessível.



SEAGERS DO BRASIL S. A.

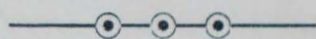
R. Humberto Primo, 961 - São Paulo

O GIN BRASILEIRO MELHOR QUE O ESTRANGEIRO

NOVOS SÓCIOS

A campanha em prol do aumento do quadro social continua sendo bem sucedida. Os novos aficionados que passaram a integrar o quadro do F. C. Bandeirante e cujas propostas foram aprovadas na última reunião da Diretoria, são os de inscrições ns.:

- 711, Henrique Schoenberg, de Recife, Pernambuco;
- 712, Dr. Waldo Cavalcanti Paoliello;
- 713, Oswaldo Nazareno Lupattelli;
- 714, Murillo Cesar Ambrosi Ronca;
- 715, Hideaki Kajiwara, de Assaí, Paraná;
- 716, Dr. Alfredo Moretti;
- 717, Dr. Luiz de Toledo Lara;
- 718, Hermogenio Rangel;
- 719, Da. Wilma Rodrigues Pereira;
- 720, Athayde de Barros;
- 721, Dr. João Nicolau, de Rancharia, S. Paulo.



LIVROS FOTO-TÉCNICOS

E Fácil Fotografar	65,00
Tudo sobre Exposição	20,00
Tudo sobre Focalização	20,00
Tudo sobre Filtros	20,00
Revelação do Negativo	20,00
Correção do Negativo	25,00
Ampliação do Negativo	20,00
A Câmara Miniatura e sua Técnica	70,00
A Cinecâmara e sua Técnica	120,00
Cartilha do Cinema	70,00
Revista IRIS (assinatura)	100,00
Tudo sobre o Instantâneo	25,00
Tudo sobre a Luz Artificial	25,00

Nas boas casas do ramo, livrarias
ou pela

Agência Editôra
— IRIS —

RUA XAVIER DE TOLEDO, 140
9.º and. - Salas 8 - 8A - Fone 4-2139
Caixa Postal, 1704
End. Telegr.: ADIRIS
SÃO PAULO

Peçam nosso catálogo ilustrado

CALENDÁRIO DE SALÕES INTERNACIONAIS DE 1949-50

Pelo Diretor de Intercambio, foi organizado o calendário abaixo de salões internacionais a se realizarem durante o ano de 1950 no estrangeiro, e aos quais o Clube concorrerá em representações coletivas de seus associados.

Nessa relação foram incluídos, de preferência, os salões promovidos por entidades congêneres que mantem intercambio com o Fc. C. B., concorrendo com

idênticas representações ao Salão Internacional de São Paulo.

Foram considerados apenas os salões que se realizam impreterivelmente, todos os anos, o que não impedirá de á relação serem acrescentados, posteriormente, outros salões e certames promovidos por associações amigas ou que venham a iniciar relações com o nosso Clube.

SALÕES	CIRCUITOS	Datas de entrega no Clube
13.º Salão Int. de Portugal (1950)		31 de Outubro
14.º " Int. de Johannesburg - Africa do Sul - 1950	Cape Town, Port Elizabeth e Durban	5 de Novembro
" Int. da "Irish" (Dublin - Irlanda) (1950)	Outros salões da Irlanda (prov.)	3 de Dezembro 8 de Janeiro
4.º " " de Mendonza (Argentina)	Vancouver, Vitória, etc.	31 de Janeiro
4.º " " " Montreal (Canadá)	San Sebastian, Zaragoza e prov. Madrid	5 de Fevereiro
9.º " " " Barcelona (Espanha)	Southgate e Combined Societies	5 de Março
41.º " " " Londres (Inglaterra)	Sidney, Melbourne e Nova Zelandia	30 de Abril
6.º " " " Adelaide (Austrália)	Holanda, Luxemburgo e Checoslováquia (prováveis)	12 de Maio
38.º " " " Paris (França)	Suécia e Noruega (prováveis)	19 de Maio 28 de Maio
4.º " " da Dinamarca		
11.º " " de Três Arroyos (Argentina)		

OPORTUNIDADES

Esta seção acha-se à disposição dos amadores ou profissionais interessados na compra ou permuta de aparelhos ou materiais foto-cinematográficos, sendo os pequenos anúncios cobrados à razão de Cr.\$ 50,00 para o máximo de 4 linhas. — Para os sócios do Clube, a inserção de um pequeno anúncio, mensal, será gratuita.

CONSERTOS de máquinas em geral, especializado em estabelecer contacto elétrico para "flash" em qualquer tipo de obturador central, garantindo perfeito funcionamento. SJOERD DE BOER, Al. Santos, 2.450, ap. 12.

PAILLARD BOLEX 16mm., vende-se com 3 lentes azuladas jogo de 4 filtros originais com bolsa de prontidão, Cr.\$ 16.000,00. CONTAX I, com Summar 1:1,2, visor reflex e um jogo de filtros completo, inclusive o polaroid, Cr.\$ 7.000,00. Procurar Nelson, na Secretaria do Fotoclube, entre 20 e 22 horas.

AMPLIADOR 6x9, compra-se. Ofertas a Renato Francesconi, rua Assis, 19, fone: 51-2383.

ESMALTADEIRAS 50x60, plana, toda de ferro, "Fontamac", da qual existem imitações de fabricantes inescrupulosos. Esmaltadeiras de outros tipos, refletores, roletes, placas cromadas, porta-retratos. Acessórios em geral para fotografias pelos melhores preços. Aceitam-se pedidos do interior. FONTAMAC, R. Francisca Miquelina, 190 — Fone: 3-5628.

QUALQUER OBJETO fino para fotografia e cinematografia, sejam máquinas fotográficas, aparelhos de cinema, ampliadores, objetivas avulsas, etc. V. S. encontra no primeiro andar da Av. São João, 327, pelo preço mais barato da praça. Lembre-se sempre: a casa CINE-FOTO-ÓTICA "UNIVERSAL", Av. São João, 327, 1.º and. é a CASA das ocasiões em artigos finos.

Segurança Industrial

COMPANHIA NACIONAL DE SEGUROS

FUNDADA EM 1919

CAPITAL REALIZADO :— Cr.\$ 4.000.000,00

SEGUROS :— Incêndio, Acidentes do Trabalho, Acidentes Pessoais, Ferroviários, Marítimos, Aeronáuticos, Automóveis, Roubo e Responsabilidade Civil.

Reservas Estatutárias e Extraordinárias até 31/12/48 — Cr.\$ 39.352.220,10

Sinistros pagos até 31/12/48 — Cr.\$ 247.663.390,60

PRESIDENTE

ANTONIO PRADO JUNIOR

MATRIZ: Avenida Rio Branco, 137 — (Edifício Guinle)

End. Telegr.: "SECURITAS" — RIO DE JANEIRO

SUCURSAL EM SÃO PAULO: Rua Boa Vista, 127 - 5.º andar - Prédio Pirapitinguí

Telefones :— 2-3161 a 2-3165

J. J. ROOS — GERENTE - GERAL

A MAIOR GARANTIA EM SEGUROS



NOS CÉUS DO MUNDO

A "PANAIR DO BRASIL" adotou em suas aeronaves "BANDEIRANTES" para as rotas europeias e americanas talheres e baixelas FRACALANZA. Tal preferência, baseada na matéria prima empregada, na elegância dos artigos e no rigor do seu fino acabamento, representa uma vitória para a indústria brasileira, isto é, para a *prata de casa*.

O "*made in Brazil*", gravado ao pé da gloriosa marca FRACALANZA, percorre os céus do mundo levando por toda parte o nome do Brasil e a afirmação de que a indústria nacional, em alguns particulares, já pode emparelhar com as mais antigas dos vários continentes.

FRACALANZA é uma tradição viva de nossa terra, que atravessa a distância e o tempo, servindo ao Brasil: seu traço característico e a perfeição de suas baixélas e talheres.



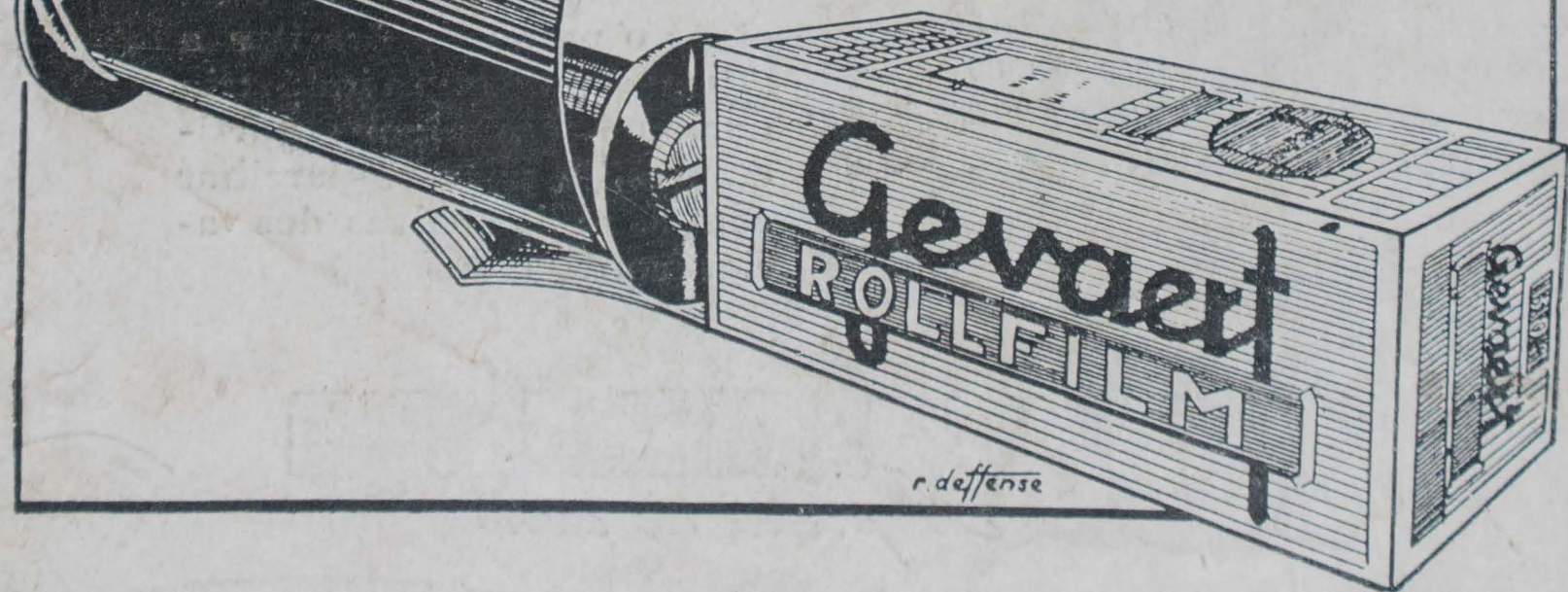
Fracałanza

A prata de casa



Gevaert

*sempre na
sua vida.*



r. deffense